

VIVER COMO JESUS VIVEU

*(Translation of the book "Living as
Jesus Lived")*

O modo como Jesus viveu na Terra

Zac Poonen

Viver como Jesus viveu**Tradução do livro: "Living as Jesus Lived"****Autor: Zac Poonen****http://www.cfcindia.com/web/mainpages/book_window.php?book=living_as_jesus_lived****Copyright – Zac Poonen (1977)**

Este livro foi protegido para evitar o uso indevido.

Não deve ser reproduzido ou traduzido sem a permissão por escrito do autor.

Permissão, porém, é dada para copiar qualquer parte deste livro, desde que seja para distribuição GRATUITA,

desde que NENHUMA ALTERAÇÃO seja feita,

desde que O NOME E O ENDEREÇO DO AUTOR sejam mencionados

e desde que este aviso de DIREITOS AUTORAIS ["Copyright by Zac Poonen"] seja incluído.

Para mais informações, favor contatar:

Christian Fellowship Church

40, DaCosta Square,

Wheeler Road Extension,

Bangalore – 560084,

India

CONTEÚDO

- 1. O Propósito de Deus para o Homem**
- 2. Viver em Humildade**
- 3. Viver em Santidade**
- 4. Viver em Amor**
- 5. Viver no Espírito**
- 6. Viver na Vontade de Deus**
- 7. Viver pelo Poder de Deus**
- 8. Viver para a Glória de Deus**
- 9. A Noiva de Cristo**
- 10. Sobre o Livro**

Capítulo 1

O PROPÓSITO DE DEUS PARA O HOMEM

Deus não criou o homem porque Ele precisava de um servo. Ele já tinha milhões de anjos para servi-Lo. Ele criou o homem, porque queria alguém que pudesse manifestar Seu caráter e Sua natureza.

Se nos esquecermos dessa verdade, é fácil nos desviarmos imaginando que o serviço para Deus é o principal propósito da nossa salvação em Cristo. Esse é um erro que muitos crentes têm cometido.

Quando Deus estava prestes a fazer Adão, Suas palavras foram:

"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gênesis 1:26).

Quando Adão pecou, Deus, em Sua presciência, já tinha feito provisão para tirar o homem do abismo do pecado em que ele tinha caído. A encarnação de Cristo e Sua morte na cruz estavam na mente de Deus, antes mesmo de Adão ter sido criado.

A intenção de Deus na redenção que Ele providenciou para nós em Cristo é de que pudéssemos ser trazidos de volta ao lugar onde nós podemos cumprir Seu propósito original para o homem – manifestar a Sua natureza.

A nossa salvação é pela fé em Cristo; mas a fé só pode estar fundada na revelação divina da Pessoa de Cristo. É apenas essa fé que vai permitir ao Espírito Santo nos transformar na semelhança de Cristo. Um conhecimento intelectual ou parcial de Cristo, fora da revelação divina, pode nos deixar tão cegos como eram os estudiosos da Bíblia nos dias de Jesus. Seu entendimento das Escrituras os levou a procurar um outro Cristo, que teria características diferentes das que Jesus de Nazaré tinha.

O Jesus encontrado nas páginas da Bíblia é Aquele que, sendo Deus, igual ao Pai, *"esvaziou-se a Si mesmo"* e se tornou homem (**Filipenses 2:6,7**).

Aqui é onde precisamos entender a verdade com cuidado. Em Sua Pessoa, Jesus era ainda Deus quando Ele veio em carne, porque Deus não pode nunca cessar de ser Deus. A prova mais clara da Divindade de Jesus nos dias da Sua carne é vista no fato de que Ele recebeu

adoração. Sete vezes nos evangelhos nos é dito que Ele aceitou a adoração que os homens Lhe ofereceram (**Mateus 8:2; 9:18; 14:33; 15:25; 20:20; Marcos 5:6; João 9:38**). Anjos e homens tementes a Deus não aceitam adoração (**Atos 10:25,26; Apocalipse 22:8-9**); mas Jesus aceitou adoração, porque era o Filho de Deus.

Do que então Ele se esvaziou? Dos seus privilégios como Deus.

Considere dois exemplos. Sabemos que "*Deus não pode ser tentado*" (**Tiago 1:13**). No entanto, a Escritura afirma que Jesus foi tentado (**Mateus 4:1-11**).

Sabemos também que Deus é onisciente (sabedor de tudo). No entanto, a Escritura diz que Jesus, certa vez, teve de chegar perto de uma figueira, antes de Ele poder descobrir se tinha algum fruto (**Marcos 11:13**). Certa vez, Jesus disse que Ele não sabia a data da Sua segunda vinda à terra (**Marcos 13:32**).

Então, é claro como cristal que Jesus Se esvaziou de privilégios da Divindade, quando Ele andou nesta terra, na nossa carne.

"A Palavra era Deus ... e a Palavra se fez carne" (**João 1:1,14**).

Deve-se acreditar igualmente nessas duas verdades concernentes à Pessoa de Cristo – Sua Divindade e Sua humanidade – se quisermos evitar heresia.

Nenhuma verdade nas Escrituras pode ser ignorada sem sofrer perda espiritual. E assim, se igual ênfase não é dada à Divindade e à humanidade de Cristo, em nosso entendimento e em nosso ministério, vamos acabar acreditando em um Cristo incompleto – "um outro Jesus", diferente daquele revelado nas Escrituras. Isso resultará em correspondente perda na nossa vida cristã e ministério. Somos chamados não só a adorar a Cristo como Deus, mas também a segui-Lo como Homem.

Jesus não somente nos redimiou através da Sua morte, mas também nos mostrou, por meio da Sua vida na terra, como Deus pretendia que o homem vivesse. Ele não é apenas o nosso Salvador, mas também o nosso Precursor (**Hebreus 6:20**). Ele nos deu um exemplo de como viver em todos os momentos e em todas as situações, em perfeita obediência a Deus.

O perdão dos pecados, a plenitude do Espírito e todos os meios de graça que Deus proveu são todos destinados por Ele a levar a um objetivo final – que sejamos conforme a imagem de Seu Filho. Na verdade, toda doutrina na Palavra de Deus só pode ser entendida na sua perspectiva correta quando é vista à luz do eterno propósito de Deus para o homem – torná-lo semelhante a Jesus.

O ministério principal do Espírito Santo é duplo e está descrito assim:

“Nós olhamos como num espelho a glória do Senhor, e somos transformados na mesma imagem de glória em glória, pelo Espírito” (II Coríntios 3:18).

O Espírito Santo procura constantemente nos mostrar a glória do Senhor Jesus nas Escrituras (o espelho) – e assim procura nos transformar nessa semelhança.

Deus, o Pai, na Sua soberania, também ordena todas as nossas circunstâncias para o mesmo fim.

“Deus faz com que todas as coisas contribuam juntamente para o bem daqueles que O amam ... porque aqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho” (Romanos 8:28,29).

Cada evento e circunstância na nossa vida são destinados por Deus a nos moldar e nos transformar um pouco mais à semelhança de Jesus.

E assim vemos que o nosso Pai no céu e o Espírito Santo em nosso coração estão ambos trabalhando em direção a um único objetivo – que possamos nos tornar semelhantes a Jesus.

Quanto mais participarmos da natureza do nosso Senhor, mais vamos viver na terra como Ele viveu.

Essa é a vida cheia do Espírito.

Jesus não veio à terra como um anjo, mas como nós. A Bíblia diz: *“Ele foi feito semelhante a Seus irmãos em todas as coisas” (Hebreus 2:17)* (Seus irmãos são Seus discípulos – **Mateus 12:50**). Se Ele não tivesse sido feito como nós (Seus irmãos) “em todas as coisas”, Ele não poderia ter se tornado nosso Exemplo, nem poderia nos ter ordenado: “sigam-Me”, porque nós obviamente não poderíamos seguir Alguém que não tivesse as nossas limitações, como um anjo que não pode nos ensinar a nadar, visto que ele não

experimenta a força da gravidade, que puxa para baixo, como nós experimentamos.

Então, a exortação de Paulo em **I Coríntios 11:1** de segui-lo como ele seguiu a Cristo também se tornaria sem sentido, porque Paulo não poderia ter vivido como Jesus viveu. Assim, a vida de Cristo se tornaria uma vida que nós só podemos admirar, mas não seguir.

Mas graças a Deus que Cristo veio em nossa carne e, tendo aceitado as limitações da nossa carne, nos deu um exemplo a seguir.

Desde que foi como homem que Jesus viveu uma vida santa, pura, não há razão agora por que nós também não possamos "*andar como Ele andou*" (**I João 2:6**).

Porque somos fracos como seres humanos, Deus nos oferece o mesmo poder do Espírito que foi dado a Jesus quando Ele viveu na terra como homem. O que Deus fez por Jesus Ele alegremente fará por nós, porque "*Ele nos ama como Ele amou Jesus*" (**João 17:23**). Mas o Seu poder está disponível apenas "*para aqueles que creem*" (**Efésios 1:19**). Por isso, é devido à falta de fé na Palavra de Deus que os crentes de hoje são fracos e sem poder contra o pecado e contra Satanás.

A desculpa que o Diabo nos faria dar quando somos ordenados a "*seguir as pisadas Daquele que não cometeu pecado*" (**I Pedro 2:21,22**) é a de que, sendo humanos, é inevitável pecarmos ocasionalmente. Mas, quando vemos que Jesus veio em nossa carne e não pecou, então DUAS coisas acontecem:

- (1) Nós não temos mais nenhuma desculpa para pecar.
- (2) Temos fé de que podemos também viver em vitória sobre o pecado como Jesus viveu.

E assim a oração de Paulo é também a minha, à medida que se leem as verdades da Escritura neste livro:

"Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda um espírito de sabedoria e revelação no pleno conhecimento Dele (Cristo) ... e ... que Ele vos conceda, de acordo com as riquezas da Sua glória, serdes fortalecidos com poder pelo Seu Espírito no homem interior" (**Efésios 1:17; 3:16**).

É somente através do pleno conhecimento de Cristo que podemos conhecer o poder do Espírito Santo. Jesus é o exemplo perfeito do homem cheio do Espírito.

Quando olhamos para a Sua vida e vemos como Ele viveu nesta terra, podemos entender inequivocamente quais são as características de uma vida cheia do Espírito.

CAPÍTULO DOIS

VIVER EM HUMILDADE

A grandeza de Deus é vista pelo mundo nas maravilhas da criação (**Salmo 19:1**). O universo é tão vasto que a mente humana não pode compreendê-lo. As galáxias de estrelas foram espalhadas pelo espaço, com a distância de bilhões de anos-luz. Ao mesmo tempo, cada pedaço de matéria neste universo é feito de átomos, tão pequenos que não podem ser vistos a olho nu, que contêm ainda centenas de elétrons em rotação dentro deles. Quão grande é o nosso Deus!

Entretanto, para o discípulo de Jesus Cristo, a grandeza de Deus é vista, não principalmente nessas maravilhas do universo, mas na humildade que fez com que o Filho de Deus se esvaziasse de Si mesmo, viesse em carne e Se identificasse com a nossa raça caída.

“A Palavra se fez carne e habitou entre nós, e vimos a Sua glória”, disse o apóstolo João (**João 1:14**). E podemos acrescentar – *“uma glória tal que muito excedeu à glória vista na criação”*.

O grande Rei do Céu veio e habitou como um de nós em nossa carne. E Ele veio, não de uma forma patronalista e condescendente, mas com verdadeira humildade, fazendo-se um conosco de todas as maneiras.

Nós vemos a glória do Senhor Jesus de uma forma muito maior na Sua humildade, mais do que até mesmo nos milagres maravilhosos que Ele realizou.

É este caminho de humildade que o Espírito Santo deseja nos mostrar em primeiro lugar, para que possamos aprender a andar nele todos os nossos dias. É principalmente aqui que vamos seguir a Jesus.

Antes de Jesus viver aquela vida pura e cheia de amor na terra, como homem, Ele se humilhou.

Esse foi o primeiro passo. E esse é o primeiro passo para nós também.

Muitos milhares de anos antes de Jesus vir à terra, Deus tinha criado um anjo chamado Lúcifer, que era perfeito em sabedoria e beleza. Lúcifer foi designado por Deus como o chefe da ordem angelical.

Contudo, crescendo o orgulho e o descontentamento com o seu lugar designado, Lúcifer buscou se elevar e se exaltar a si mesmo (**Ezequiel 28:11-17; Isaías 14:12-15**). Assim ele trouxe o pecado para a criação de Deus. Deus o expulsou imediatamente – e ele se tornou Satanás.

O orgulho é, portanto, a raiz de todo o pecado e do mal neste universo.

Quando Adão pecou, ele também se tornou infectado com esse orgulho satânico.

Todo filho de Adão é nascido agora com essa infecção.

Para resgatar o homem desse veneno, Jesus se Humilhou.

Assim como o pecado se originou do orgulho de Lúcifer, a nossa redenção se originou da auto-humilhação de Jesus. O tanto que temos da mente de Cristo é o mesmo tanto que temos de Sua humildade¹. Esse é um indicador infalível de crescimento espiritual.

A própria vinda de Jesus à terra desde a glória do Céu é em si mesma uma maravilhosa demonstração de Sua humildade. Todavia, nos é dito mais adiante que, mesmo *“como um homem, Ele se humilhou a Si mesmo”* (**Filipenses 2:8**). *“Feito semelhante a Seus irmãos em todos os aspectos”* (**Hebreus 2:17**), Ele tomou Seu lugar diante de Deus como todos os outros homens. Ele se tornou nada para que Deus pudesse ser tudo. Essa é a verdadeira humildade.

A glória e a grandeza no mundo são medidas pela posição de uma pessoa, sua riqueza, realizações, situação familiar, etc. Mas quão diferente é a glória de Deus vista em Jesus Cristo!

Jesus foi a única pessoa que já nasceu que teve a oportunidade de escolher a família em que Ele iria nascer. Nenhum de nós teve essa escolha.

Qual família Jesus escolheu? A família de um carpinteiro desconhecido de um lugar chamado Nazaré, de cuja cidade as pessoas diziam: *“Pode alguma coisa boa vir de lá”* (**João 1:46**). José e Maria eram tão pobres que eles não tinham recursos nem mesmo para oferecer um cordeiro para o holocausto a Deus (conforme **Lucas 2:22-24** com **Levítico 12:8**).

¹ Nota do Tradutor: Em outras palavras, se numa escala de 0 a 10, eu tenho 5 da mente de Cristo, então eu terei 5 de humildade também.

Além disso, Jesus foi a única pessoa que já nasceu que pôde escolher exatamente onde ele iria nascer. Tendo a oportunidade de determinar o lugar do Seu nascimento, que lugar Ele escolheu? Uma manjedoura em um estábulo humilde!

Observe, ainda, a linha familiar que Jesus escolheu para Si mesmo. Quatro mulheres são nomeadas na árvore genealógica de Jesus, mencionada em **Mateus 1:3-6**. A primeira, Tamar, teve um filho cometendo adultério com seu sogro, Judá. A segunda, Raabe, era uma prostituta conhecida em Jericó. A terceira, Rute, era uma descendente de Moabe, que nasceu do resultado do adultério de Ló com sua própria filha. A quarta foi esposa de Urias, Bate-Seba, com quem Davi cometeu adultério.

Por que Jesus escolheu uma linha familiar tão vergonhosa para vir através dela? Para que Ele pudesse se identificar totalmente com a raça caída de Adão. Aí vemos Sua humildade. Ele não desejou nenhum orgulho de família ou de genealogia.

Jesus se identificou totalmente com o homem. Ele acreditava na igualdade essencial de todos os seres humanos, sem distinção de raça, família, posição na vida, etc., e se tornou um com o menor e mais baixo no extrato social. Ele veio abaixo de todos, para que Ele fosse o servo de todos. É apenas aquele que fica abaixo dos outros que é capaz de levantá-los. E foi assim que Jesus veio.

O Espírito Santo nos transforma pela renovação da nossa mente (**Romanos 12:2**). É no nosso pensamento que a semente da verdadeira humildade semelhante à de Cristo é semeada. Não é pelas nossas ações ou pelo nosso comportamento diante dos outros, mas sim pelos nossos pensamentos (quando estamos sozinhos) que podemos averiguar se estamos sendo transformados na semelhança de Cristo nesta área ou não – nossos pensamentos a respeito de nós mesmos e sobre como nos comparamos com os outros.

É apenas quando somos verdadeiramente pequenos em nossos próprios pensamentos que podemos genuinamente "*considerar os outros mais importantes do que nós*" (**Filipenses 2:3**) e nos considerar como "*o menor dos menores de todos os santos*" (**Efésios 3:8**).

Jesus como homem sempre Se considerou ser nada diante de Seu Pai. Portanto, a glória do Pai se manifestou através Dele em toda a Sua plenitude.

Porque Jesus tomou essa posição de não ser nada diante do Pai, Ele pôde alegremente se submeter a qualquer coisa que o Pai ordenou

para a Sua vida e obedecer a todos os mandamentos do Pai de todo o coração.

“Ele humilhou-se a Si mesmo, tornando-se obediente até a morte” (Filipenses 2:8).

A obediência total a Deus é a marca inequívoca da humildade genuína. Não há teste mais claro do que esse.

Durante trinta anos, Jesus se submeteu a pai e mãe adotivos e imperfeitos – porque essa era a vontade do Seu Pai. Ele sabia muito mais do que José e Maria e, ao contrário deles, era sem pecado. Ainda assim, Ele se submeteu a eles.

Não é fácil para o homem se submeter àqueles que são intelectualmente ou espiritualmente inferiores a ele. Mas a humildade genuína não tem nenhum problema aqui – porque quem verdadeiramente se viu como nada aos olhos de Deus não tem dificuldade em se submeter a alguém que Deus apontou sobre ele.

Jesus escolheu uma profissão bastante inexpressiva – a de um carpinteiro. E, quando Ele entrou no Seu ministério público, Ele não tinha prefixos nem sufixos ao Seu nome. Ele não era “Pastor Jesus”. Muito menos Ele era “O Reverendo Doutor Jesus!” Ele nunca procurou nem desejou nenhuma posição terrena ou título que fosse exaltá-Lo acima das pessoas comuns a quem Ele veio para servir. Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.

Quando as multidões se reuniram uma vez à Sua procura, querendo fazê-Lo seu rei, Ele discretamente saiu do seu meio (**João 6:15**). Ele desejava ser conhecido apenas como “o filho do homem”.

Ele nunca procurou nem se importou com a honra dos homens. Ele viveu apenas diante da face do Seu Pai e estava muito contente de passar por toda a vida ignorado e desprezado pelo homens. Somente a aprovação do Pai importava para Ele.

Sempre que Jesus curou alguém ou fez um milagre, Ele fez questão de que ninguém soubesse sobre a cura, pois Seus milagres eram atos de compaixão feitos para pessoas necessitadas, e não truques publicitários. Mesmo quando Ele ressuscitou a filha de Jairo dos mortos, Ele deu instruções estritas de que isso não fosse falado a ninguém (**Marcos 5:43**). Só depois de Jesus ter deixado esta terra é que o registro de Sua vida foi tornado público por Seus apóstolos.

Quando Ele tomou uma bacia de água e lavou os pés dos Seus discípulos, na última noite antes de ser crucificado, isso foi simbólico do que tinha sido verdade em toda a Sua vida. Ele tinha sido um

servo de todos os homens. Ele foi rápido em notar que os pés dos discípulos estavam sujos e foi igualmente rápido em pegar a bacia e fazer o que era necessário, em vez de esperar para ver se alguém o faria. Essa ação foi o símbolo de uma vida inteira de serviço aos outros. Jesus não esperou ser solicitado a fazer alguma coisa. Ele descobriu a necessidade e fez o necessário.

Jesus se associou intimamente com as camadas mais baixas da sociedade e se moveu entre elas como seu igual. E, no entanto, apesar de Ele ser sem pecado e perfeito, Ele nunca fez os outros se sentirem desconfortáveis por causa de suas imperfeições. Ele não tinha nenhum ar de superioridade em torno Dele quando andava com Seus discípulos. Na verdade, Ele se movia tão livremente entre eles, que eles sentiram liberdade de repreendê-Lo e até mesmo de dar-Lhe conselhos (**Mateus 16:22; Marcos 4:38; 9:5**).

Vemos a humildade de Jesus em buscar a comunhão com Seus discípulos em oração. No Jardim do Getsêmani, Ele pediu a Pedro, Tiago e João para orar com Ele, porque Sua alma estava "*profundamente angustiada até ao ponto da morte*" (**Mateus 26:38**). Jesus era consciente da absoluta fraqueza da carne que Ele tinha tomado. Foi por isso que Ele buscou a comunhão deles em oração.

É porque não somos honestos o suficiente para reconhecer o nosso nada, que a manifestação do poder de Deus através de nós é limitada. Jesus nos mostrou o caminho da humildade. Precisamos reconhecermos a fraqueza da nossa carne e o nosso nada como seres humanos.

Porque Jesus se humilhou, assim Deus O exaltou à mais alta posição no universo (**Filipenses 2:9**). Aqueles que forem mais longe ao longo do caminho da humildade irão se sentar com Jesus à Sua direita e à Sua esquerda na glória.

Durante toda a vida de Jesus, Ele continuou descendo. Ele desceu do Céu e continuou descendo, descendo, descendo todo o caminho para a cruz. Nunca uma vez Ele reverteu essa direção e procurou subir.

Há apenas dois espíritos operando na terra hoje. Um deles, o espírito de Satanás (Lúcifer), incita as pessoas a subir –no mundo ou na cristandade. O outro, o Espírito de Cristo, guia as pessoas a descer como seu Mestre. Tal como o grão de trigo, Jesus desceu, e todos os Seus verdadeiros discípulos podem ser identificados inequivocamente por essa característica.

A humildade de Jesus é vista em todo o seu esplendor na Sua morte. Nunca houve um julgamento mais injusto do que aquele pelo qual Jesus passou. No entanto, Ele se submeteu à injúria, ao insulto, à

injustiça, à humilhação e ao ridículo, em silêncio. Ele não rogou pragas em Seus inimigos. Ele tampouco ameaçou vingança nem pediu assistência angelical. Ele abdicou de todos os Seus direitos como o Filho de Deus.

O "punho fechado" é um símbolo apropriado da raça humana – que significa tanto o desejo de agarrar-se a direitos, poder e bens, como o desejo de revidar quando atacado.

Jesus, por outro lado, voluntariamente abriu a palma das Suas mãos para receber os pregos da cruz. A palma das Suas mãos estava sempre aberta, dando, dando e dando. Finalmente, Ele abdicou de Sua própria vida também. Essa é a verdadeira humildade. E essa é a verdadeira "humanidade" como Deus pretendeu que fosse.

O discípulo de Jesus que quer manifestar a natureza divina deve estar disposto a sofrer injustiça sem reclamar.

A Bíblia diz:

"Mas, se fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados [isso é inseparável da sua vocação]; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o [Seu] exemplo [pessoal], para que sigais as Suas pisadas ... O qual quando O injuriavam [e insultavam], não injuriava [nem insultava], e quando padecia, não ameaçava [com vingança], mas entregava-se [a Si mesmo e tudo o mais] Àquele que julga justamente" (I Pedro 2:20-23. Tradução da Bíblia Ampliada).

A humildade de Jesus não Lhe permitia julgar ninguém. Só Deus é o Juiz de todos os homens; e qualquer homem que julga outro, portanto, ocupa o lugar que só Deus tem o direito de ocupar. Como homem na terra, Jesus disse: *"Eu não julgo a ninguém" (João 8:15)*. Ele confiou todo o julgamento a Seu Pai. Aí também nós vemos a beleza da Sua humildade.

Jesus voluntariamente se submeteu à morte humilhante que Seu Pai planejou para Ele. Além dos instrumentos humanos que planejaram e executaram a Sua crucificação, Ele pôde discernir a mão do Pai e Ele voluntariamente bebeu o cálice que *"o Pai Lhe deu" (João 18:11)*.

"Ele foi obediente até à morte, e morte de cruz" (Filipenses 2:8).

Este é o verdadeiro Jesus das Escrituras. Ao contrário de evangelistas modernos, Ele não foi homenageado como uma celebridade ou uma estrela de cinema. Pelo contrário, Ele foi desprezado e rejeitado pelos

homens; e o mundo dos Seus dias se livrou Dele pregando-O em uma cruz. O mundo de hoje não é diferente, e o discípulo não está acima do Seu Mestre. Um cristianismo que é popular e que atrai a honra do mundo é uma falsificação da verdadeira fé. Toda a vida de Jesus – do nascimento à morte – demonstrou o fato de que *“aquilo que é altamente estimado entre os homens é abominação aos olhos de Deus”* (**Lucas 16:15**).

“Aprende de Mim”, Jesus disse, *“porque Eu sou humilde de coração”* (**Mateus 11:29**).

A humildade foi a principal coisa que Jesus pediu a Seus discípulos para aprender Dele. E é isso o que temos de aprender Dele também.

CAPÍTULO TRÊS

VIVER EM SANTIDADE

Deus é Luz e Amor (**I João 1:5; 4:8**). Ele "*habita em luz inacessível*" (**I Timóteo 6:16**). Porque Ele é santo, Ele nos chama para sermos santos também.

Contudo, a santidade, para um ser humano, só pode vir por meio da tentação. Adão foi criado inocente, sem mesmo conhecer o bem e o mal. Deus queria que ele fosse santo; e, para isso, Deus permitiu que ele fosse testado.

A árvore do conhecimento do bem e do mal tinha sido criada pelo próprio Deus e não era má em si mesma. Ela existia em um mundo sobre o qual Deus tinha pronunciado as palavras: "*Muito bom*" (**Gênesis 1:31**). Era muito bom, porque propiciou a Adão a oportunidade de ser santo, resistindo à tentação.

A Bíblia diz: "*Considerai motivo de grande alegria o passardes por várias tentações*" (**Tiago 1:2**), porque as tentações nos dão a oportunidade de participarmos da santidade de Deus (**Hebreus 12:10**) e nos tornarmos "*perfeitos e completos*" (**Tiago 1:4**).

Ao olharmos para a santidade de Jesus, não olhamos para aquela santidade herdada que Ele tinha como Deus, porque isso não seria exemplo para nós. Olhamos para Ele como aquele que foi "*feito como Seus irmãos em todas as coisas*" e "*tentado em tudo, como nós somos, mas sem pecar*" (**Hebreus 2:17; 4:15**).

Jesus é o nosso Precursor (**Hebreus 6:20**), que correu a mesma corrida que nós devemos correr, abrindo o caminho para nós seguirmos. E assim Ele nos diz: "*Siga-Me*" (**João 12:26**). E, olhando para Aquele que correu a corrida à frente de nós, podemos também correr com perseverança, sem desfalecer ou sem perder o ânimo (**Hebreus 12:1-4**).

Jesus suportou toda tentação que pode acontecer a qualquer homem. Ele foi tentado "*em todos os pontos, como nós somos*". Isso é claramente ensinado em **Hebreus 4:15**. E esse é o nosso encorajamento. Jesus não usou nenhum poder que não é oferecido a nós por Deus hoje. Ele enfrentou e venceu a tentação, como um homem, na força que Lhe foi dada por Seu Pai pelo Espírito Santo.

Satanás sempre disse ao homem que as leis de Deus são muito pesadas e impossíveis de serem obedecidas. Jesus veio como homem e expôs essa mentira de Satanás através de Sua vida de perfeita

obediência. Se nós tivéssemos qualquer tentação para vencer, ou qualquer mandamento de Deus para obedecer, que Jesus não enfrentou, então naquele ponto poderíamos ter uma desculpa para pecar. E, se Jesus tivesse vivido aquela vida perfeita, sem a fraqueza da nossa carne ou com poder que não estivesse disponível para nós, então Sua vida não poderia ser um exemplo que pudéssemos seguir, nem Sua vida poderia ser um encorajamento para nós nos momentos quando somos tentados. Mas Jesus demonstrou através de sua Vida como homem na terra que o poder que Deus disponibiliza para nós é suficiente para satisfazer as demandas da Sua lei que vemos na Sua Palavra.

“Não temos um Sumo Sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas, mas um que foi tentado em todas as coisas como nós somos” (Hebreus 4:15).

A vida sem pecado de Jesus foi uma demonstração de Deus para o mundo de que é possível para o homem pelo poder do Espírito Santo ter vitória completa sobre o pecado e obedecer a Deus com alegria. Se permanecermos Nele, **PODEMOS “andar como Ele andou” (I João 2:6).**

Jesus enfrentou todas as seduções do pecado que enfrentamos hoje, e foi levado pelo Seu Pai através de cada tentação que pode vir a qualquer homem. Assim, Ele foi equipado para ser o nosso Líder e o nosso Sumo Sacerdote (**Hebreus 2:10, 17, 18; 5:7-9**). Em todas aquelas situações, Ele negou-se a Si mesmo e mortificou os desejos da carne que O tentavam a pecar. Assim, Ele constantemente *“sofreu na carne”*.

A Escritura aponta Ele como nosso exemplo:

“Uma vez que Cristo sofreu na carne, armai-vos com o mesmo propósito, porque aquele que padeceu na carne já cessou do pecado, a fim de viver o resto do tempo na carne não mais para as cobiças dos homens, mas para a vontade de Deus” (I Pedro 4:1,2).

Jesus demonstrou pela Sua vida de *“obediência até a morte”* que é uma calamidade muito menor sofrer alguma coisa que sobrevenha do que desobedecer a Deus em até mesmo um item.

A essência de todo pecado é encontrada em fazer a própria vontade. E a essência da santidade em um ser humano é encontrada em negar a sua própria vontade e em fazer a vontade de Deus. Foi assim que Jesus viveu. Ele disse:

"Eu não busco a Minha própria vontade, mas a vontade Daquele que Me enviou ... Eu não vim para fazer a Minha própria vontade, mas a vontade Daquele que Me enviou ... Não como Eu quero, mas como Tu queres" (João 5:30; 6:38; Mateus 26:39).

Jesus ofereceu a Sua própria vontade humana como um sacrifício contínuo a Seu Pai, mesmo quando isso significou sofrimento intenso. Nos é dito que,

"nos dias da Sua carne, Ele ofereceu orações e súplicas com forte clamor e lágrimas" (Hebreus 5:7).

Jesus advertiu os Seus três discípulos no jardim do Getsêmani de que, como a carne humana é fraca, era apenas através de vigilância e oração (ou seja, através da busca da ajuda de Deus) que a tentação pode ser vencida (**Mateus 26:41**). Ele mesmo orou e só assim Ele venceu.

Jesus disse a Seus discípulos, pouco antes de ir ao Getsêmani, que logo viria o dia quando eles também seriam capazes de fazer as obras que Ele fez, pois o Pai lhes daria o Espírito Santo para ser seu "Ajudador" (**João 14:12, 16**). Jesus não veio para nos fazer trabalhadores que operam milagres, mas para nos tornar santos. Seus trabalhos eram trabalhos de santidade, trabalhos de obediência ao Pai e esses são os trabalhos que Ele prometeu que nós seremos capazes de fazer também. Ele os fez todos, como um Homem cheio do Espírito Santo.

Quando os discípulos foram cheios do Espírito Santo no dia de Pentecostes, eles também receberam o poder de fazer as obras de obediência que Jesus fez. Durante a vida de Jesus na terra, eles receberam o poder de curar os doentes, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos e expulsar os demônios (**Mateus 10:8**), mas não o poder de vencer o pecado. Para isso, eles tiveram de esperar até serem cheios do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

A plenitude do Espírito Santo é para nos capacitar a fazer "as obras que Jesus fez" ou, em outras palavras, "a vontade de Deus" (Veja **João 4:34**).

Essa é a vida gloriosa que Deus nos oferece sob a Nova Aliança.

"O que a lei não pôde fazer, fraca que estava pela carne, Deus fez: enviando Seu próprio Filho na semelhança de carne do pecado e como uma oferta pelo pecado. Ele condenou o pecado na carne, PARA QUE a exigência da Lei ("a vontade de Deus")

se cumprisse em nós, que não andamos (vivemos) de acordo com a carne, mas de acordo com o Espírito" (Romanos 8:3,4).

O significado para nós de Jesus enfrentando a tentação e a vencendo está no fato de que, assim, Ele abriu para nós um Caminho no qual podemos segui-Lo.

O Caminho que Jesus abriu é chamado de "o novo e vivo caminho" em **Hebreus 10:19-20**:

"Nós temos confiança de entrar no Lugar Santíssimo por um novo e vivo caminho que Ele inaugurou para nós através do véu, isto é, Sua carne".

Era no Lugar Santíssimo do Templo que habitava a glória de Deus. Esse é o lugar para o qual Jesus abriu o caminho, para que nós possamos segui-Lo, a fim de que participemos da Sua santidade. Ele é, antes de tudo, o nosso Precursor, que entrou através do véu da carne (**Hebreus 6:20**). Devemos agora correr a corrida, olhando para o Seu exemplo (**Hebreus 12:1,2**).

Não temos de rasgar o véu, porque o véu já foi rasgado por nosso Senhor, de uma vez por todas. Mas devemos segui-Lo ao longo desse caminho de rasgar o véu – o caminho da cruz, o caminho da morte para a carne e suas concupiscências.

Foi através da morte para a carne que a glória da santidade de Deus foi vista na vida de Jesus. E não há outro caminho para nós. Se levarmos este "morrer de Jesus" em nosso corpo, então, e só então, aquela pura e santa "vida de Jesus será manifestada em nosso corpo" (**II Coríntios 4:10**).

O Espírito Santo em nós nos conduzirá, como Ele conduziu Jesus, sempre ao longo do caminho da cruz. E esse é o caminho ao longo do qual seremos capazes de participar, de modo crescente, da Sua santidade. Foi assim com o próprio Jesus, e será assim para todos que seguirem ao longo do mesmo caminho.

Jesus veio nos fazer participantes da natureza divina, para que a mesma vida que estava Nele possa estar em nós também.

"Seu divino poder nos concedeu tudo o que diz respeito à vida e à piedade² [santidade] ... Ele nos concedeu Suas magníficas e

² Nota do Tradutor: "Piedade" (*godliness*, em inglês) neste versículo tem o sentido de santidade, devoção, ter as características de Deus; em oposição, portanto, à impiedade. Observar que a palavra "piedade" em português tem sido mais usada hoje no sentido de

preciosas promessas, a fim de que por elas possamos nos tornar participantes da natureza divina” (II Pedro 1:3,4).

Deus não prometeu nos fazer perfeitos, sem pecado, nesta terra. Nós devemos prosseguir em direção à perfeição. Podemos viver vitoriosos sobre o pecado consciente.

Vimos que Jesus foi tentado em todos os pontos como nós somos. Algumas de nossas mais fortes tentações são aquelas que vêm para atacar a nossa vida de pensamentos. Assim também deve ter sido com Jesus. No entanto, Ele nunca pecou. Podemos vencer na nossa vida de pensamentos também.

O discurso de Jesus era puro. Nenhuma palavra suja jamais escapou dos Seus lábios e nenhuma palavra vã tampouco. Ele sempre falou a verdade. Não houve nenhum engano na Sua boca. Ninguém jamais poderia envolver Jesus em uma conversa sobre como fazer mais e mais dinheiro (além do necessário). Ele não estava nem um pouco interessado em tais assuntos. Sua mente estava posta nas coisas de cima e não nas coisas da terra. Sem dúvida, Ele usou coisas materiais, mas Ele não as amava, nem era preso a nenhuma delas.

A santidade de Jesus era interior. Não era uma santidade exterior, manifestada em comida, roupa ou associação [com pessoas importantes]. Ele não era asceta nem eremita. Ele viveu no meio do mundo comum, vestindo as roupas que os outros de Seu nível social vestiam, comendo e bebendo normalmente (**Lucas 7:34**), apreciando as boas coisas que Deus deu ao homem para desfrutar neste mundo (**I Timóteo 6:17**). No entanto, Ele não fazia concessão a si mesmo em questão de comida, porque Ele se disciplinou a não usar Seus poderes miraculosos para tornar pedras em pães, mesmo após quarenta dias de jejum. Ele se associou não apenas com pessoas religiosas, mas até mesmo com os piores tipos de pecadores, e permaneceu puro. Sua santidade era essencialmente interior.

Não foi apenas o pecado que Jesus evitou. Ele também abriu mão de muitos prazeres legítimos que não eram proveitosos, ou que não poderiam ser satisfeitos sem sacrificar alguma parte dos negócios do Pai, os quais Ele veio completar (**I Coríntios 6:12**).

A santidade de Jesus veio de uma vida de meditação na Palavra de Deus. Ele sabia a Palavra completamente com a idade de 12 anos, por causa de árduo trabalho mental em meditar nas Escrituras, buscando a luz do Espírito sobre a Palavra. Ele sabia mais do que os

misericórdia; contudo, não é esse o sentido da palavra no versículo indicado, embora o homem piedoso seja também misericordioso.

doutores de teologia, porque Ele buscou pela revelação do Espírito. Jesus não frequentou uma escola bíblica. Ele aprendeu debaixo da mão de Seu Pai, como os verdadeiros profetas nos tempos do Velho Testamento fizeram – Moisés, Elias, Eliseu, Jeremias, João Batista etc. Nenhum verdadeiro profeta na Bíblia jamais veio de uma escola bíblica. Vamos nos lembrar disso!

Jesus estudou a Palavra e então a obedeceu. Assim, a Palavra se tornou uma arma poderosa na Sua mão, não apenas em Sua batalha contra Satanás (**Mateus 4:1-11**), mas também em Seu ministério de pregação. Ele falou com autoridade, e Sua pregação fluiu contrária às tradições populares do Seu tempo, proclamadas pelos estudiosos e doutores da lei.

Ele expôs a hipocrisia e o mundanismo dos fariseus e disse-lhes que eles estavam ligados ao inferno, apesar de seu fundamentalismo doutrinário (**Mateus 23:33**). Ao mesmo tempo, Ele expôs erros doutrinários e interpretações erradas (das Escrituras) que os Saduceus defendiam (**Mateus 22:23-33**).

Jesus nunca procurou popularidade em Sua pregação. Ele aceitaria de bom grado a tortura e a agonia ao invés de ceder um jota da verdade. Ele não acreditava na *"paz e unidade a qualquer custo"*. Até mesmo os Seus inimigos reconheceram: *"Nós sabemos que Você é muito honesto e ensina a verdade, independentemente das consequências, sem medo ou favor"* (**Mateus 22:16** – Bíblia Viva).

A santidade de Jesus foi vista em Seu zelo pela pureza da Casa de Deus (**João 2:14**). Quando Ele entrou no templo e viu homens fazendo dinheiro em nome da religião, a justa ira ardeu Nele e Ele os expulsou com um chicote.

A Bíblia nos ordena a irar sem pecar (**Efésios 4:26**). Quando os soldados romanos bateram em Jesus e O açoitaram no pátio de Pilatos, Ele pacientemente suportou tudo. Ele não ficou nem uma vez com raiva, quando dizia respeito à Sua própria pessoa. Essa raiva teria sido pecado. Mas, quando disse respeito à pureza da casa de Deus, foi diferente. Ali, refrear a ira teria sido pecado.

Ele usou o chicote naquele dia, sem se preocupar se as pessoas não O compreenderiam e pensariam que Ele tinha perdido o controle de Si mesmo e cedido à carne. Ele não viveu diante da face de homens em nenhum caso. Ele veio para trazer uma espada (**Mateus 10:34**); e Ele a usou sem poupar. A espada cortou, machucou e feriu. E assim a glória do Pai foi manifestada.

A vida de Jesus foi a mais bela, a mais ordenada [organizada], a mais serena [em paz] e a vida mais feliz que este mundo já viu. Isso foi por causa de Sua total obediência à palavra de Deus.

Considere a ordem que existe no universo físico. As estrelas e os planetas se movem nos céus em tal perfeita ordem que podemos ajustar por eles o nosso tempo com a precisão de milionésimos de segundo. Tal é a sua confiabilidade, que os astrônomos podem calcular a posição de qualquer estrela ou planeta para qualquer data no futuro. Qual é o segredo de tal perfeita ordem? Só uma coisa: eles obedecem à vontade de Deus com exatidão, girando nas órbitas traçadas para eles e ao passo definido para eles pelo seu Criador.

Onde quer que haja obediência a Deus, há perfeição e beleza. E onde quer que haja desobediência a Deus, há caos e feiura.

Até as estrelas são um testemunho mudo do fato de que os mandamentos de Deus são o melhor para nós e de que os Seus mandamentos não são pesados.

A vida de Jesus deu testemunho do fato de que a santidade (piedade) sozinha entre todas as coisas é proveitosa tanto nesta vida quanto na futura (**I Timóteo 4:8**). Nenhum homem pode ser mais feliz, mais sereno ou mais satisfeito do que um homem de Deus. “*O temor do Senhor é uma fonte de vida*” (**Provérbios 14:27**); e Jesus obedeceu ao mandamento de “*viver no temor do Senhor todo dia*” (**Provérbios 23:17**). Deus ouviu Suas orações, por causa do Seu reverente temor (**Hebreus 5:7**). O Céu estava sempre aberto sobre Jesus, porque Ele viveu no temor de Deus. “*Eu reverencio meu Pai*” (**João 8:49**), Ele disse uma vez. E Ele demonstrou por Sua vida a verdade da Palavra, que diz: “*O temor do Senhor é o princípio da sabedoria*” (**Provérbios 9:10**).

As orações de Jesus foram ouvidas, não automaticamente porque Ele era o Filho de Deus, mas por causa do Seu reverente temor (**Hebreus 5:7**). Ele foi ungido com a alegria e a autoridade do Espírito Santo – “*o óleo de alegria*” – não automaticamente por ser o Filho de Deus, mas porque Ele amava a justiça e odiava o pecado (**Hebreus 1:9**). Deus pode Se comprometer apenas com um homem que é moralmente puro. Esse é o segredo da autoridade espiritual.

O mundo religioso da época de Jesus, entretanto, não compartilhou o ponto de vista de Deus sobre a santidade de Jesus. A santidade de Jesus provocou o ódio das pessoas, porque Ele mostrou o pecado delas destemidamente (**João 7:7**). E assim Jesus sofreu hostilidade, rejeição, ódio, crítica, excomunhão pelos líderes religiosos judeus e finalmente a própria morte – tudo porque Ele pregava santidade. Eles não O teriam crucificado se Ele tivesse meramente vivido uma vida

santa. Mas Ele denunciou a hipocrisia deles e expôs o pecado deles por meio da Sua pregação. Por isso, eles estavam determinados a silenciá-Lo.

Jesus disse:

“A sentença deles é baseada neste fato: que a Luz do Céu veio ao mundo, mas eles amaram mais as trevas do que a Luz, porque os seus feitos eram maus. Eles odiaram a Luz celestial, porque queriam pecar nas trevas. Eles ficaram longe dessa Luz por medo de seus pecados serem expostos” (João 3:19,20 – paráfrase).

O mundo “cristão” religioso de hoje é simplesmente o mesmo; e o discípulo não está acima do seu Mestre. Se andarmos em santidade, não receberemos o nome de cristandade morna. *“Todos os que desejam viver santamente (piedosamente) em Cristo Jesus sofrerão perseguições”* – em qualquer país, em qualquer idade (**II Timóteo 3:12**); e a perseguição virá principalmente do mundo religioso, como no caso do próprio Jesus.

Se algum homem seguir o Senhor, que ele primeiro se sente e calcule os custos e, então, *“saia a Ele, fora do arraial, levando o Seu opróbrio” (Hebreus 13:13).*

CAPÍTULO QUATRO

VIVER EM AMOR

Vimos que Deus é Luz e Amor. A glória de Deus foi vista no Senhor Jesus, cheia de Luz e também de Amor. Luz e Amor são inseparáveis. A verdadeira santidade é cheia de amor e o verdadeiro amor é perfeitamente puro. Eles estão distinguidos aqui apenas para o propósito do nosso próprio entendimento.

Se alguém reivindica ter santidade, mas não manifesta o amor divino, então o que ele tem não é santidade genuína, mas "justiça" farisaica. Aqueles, por outro lado, que reivindicam ter grande amor por todos, mas não vivem em pureza e justiça, são também enganados em confundir seu sentimentalismo ralo com amor divino.

Os fariseus tinham uma "justiça" que era dura e seca. Eles eram como esqueletos ósseos – duros e repulsivos. Eles tinham alguma verdade, mas toda deformada e fora de proporção.

Jesus tinha toda a verdade. Ele defendeu cada jota e til da Lei de Deus mais do que os fariseus fizeram. Mas Ele não era somente ossos. Os ossos eram cobertos com carne, como Deus pretendeu que os seres humanos fossem – a Luz foi envolvida pelo Amor. Ele falou a verdade, mas Ele a falou em amor (**Efésios 4:15**). Suas palavras tinham autoridade, mas eram agradáveis também (**Lucas 4:22, 36**).

Essa é a natureza que o Espírito Santo deseja nos comunicar e manifestar através de nós.

Deus É Amor. Não é que Ele apenas age amavelmente. Ele É em Sua própria essência AMOR. A glória de Deus como vista em Jesus manifesta isso claramente. Jesus não apenas realizou atos de amor. Ele andou por toda parte "fazendo o bem" (**Atos 10:38**). Mas isso era porque o amor de Deus inundava todo o Seu ser.

O amor tem a sua origem, como também a santidade e a humildade, no nosso homem interior. É do interior do homem cheio do Espírito que rios de vida fluem (**João 7:38-39**). Nossos pensamentos e atitudes (mesmo que nunca expressos) dão um cheiro para as nossas palavras e ações e para a nossa personalidade. E outros podem facilmente detectar esse cheiro. Palavras e ações de amor não contam para nada, se nossos pensamentos e atitudes para com os outros permanecem egoístas e críticos. Deus deseja "a verdade no íntimo do ser" (**Salmo 51:6**).

Jesus deu um alto valor a todos os seres humanos e, assim, respeitou todos os homens. É fácil respeitar o santo [piedoso], o culto e o inteligente. Podemos até mesmo pensar que atingimos grandes alturas quando amamos todos os nossos companheiros crentes em Cristo. Mas a glória de Deus foi vista no amor de Jesus por todos os homens. Jesus nunca desprezou ninguém por sua pobreza, ignorância, feiura ou falta de cultura. Ele especificamente declarou que todo o mundo e tudo o que ele contém não eram tão valiosos quanto a alma de um único homem (**Marcos 8:36**). Era assim que Ele valorizava os homens. E, então, Ele tinha prazer em todos os homens. Ele viu os homens enganados e presos por Satanás; e Ele desejou muito libertá-los.

Tão grande era esse desejo nascido do amor, que Ele estava disposto a pagar o preço máximo (mais alto) para libertar os homens do domínio do pecado sobre suas vidas. E porque Ele estava disposto a morrer pelos homens para salvá-los dos seus pecados, Ele ganhou o direito de pregar contra o pecado energeticamente. Nós não temos o direito de pregar contra o pecado, se não tivermos julgado aquele pecado na nossa própria carne e vencido esse pecado, ou se não estamos dispostos a morrer (se for necessário) para salvar outros do pecado contra o qual estamos pregando. Isso é o que significa "*falar a verdade em amor*" (**Efésios 4:15**).

É o calor do amor nas palavras que falamos que produz fruto nos outros para a glória de Deus. Apesar de haver abundante luz no Polo Norte e no Polo Sul, nada cresce lá, por causa da falta de calor.

Jesus viu claramente o valor das pessoas e das coisas materiais. **Ele sabia que as pessoas tinham sido feitas para serem amadas, e as coisas para serem usadas.** Foi por causa da influência perversa do pecado que essa ordem tem sido invertida no mundo, e as coisas são amadas e as pessoas usadas (para proveito próprio).

Jesus viu que as pessoas eram muito mais importantes do que as coisas. Ele amou os homens tão intensamente que Ele se identificou completamente com eles e os fez se sentirem desejados. Ele compartilhou seus fardos e tinha palavras de bondade para os oprimidos, e palavras de encorajamento para aqueles derrotados em batalhas da vida. Nunca Ele consideraria algum ser humano como sem valor. Eles poderiam ser rudes e grosseiros, mas eles ainda eram pessoas que precisavam ser redimidas.

As coisas, por outro lado, não significavam nada para Ele. As coisas materiais não têm nenhum valor, a não ser que sejam usadas para o benefício dos outros. Podemos imaginar que, se o filho de um vizinho entrasse na loja de carpintaria de Jesus e quebrasse alguma coisa cara, isso não teria perturbado Jesus de forma alguma, porque a

criança era muito mais valiosa e importante do que a coisa quebrada. Ele amava as pessoas, não as coisas. As coisas eram para serem usadas para ajudar as pessoas.

O Espírito Santo renova a nossa mente, para que possamos “*ver as coisas como elas são do ponto de vista de Deus*” (**Colossenses 1:9** – Phillips). Amar uma pessoa é vê-la como Deus a vê – com compaixão.

Deus se regozija com o Seu povo com cânticos (**Sofonias 3:17**). E como Jesus era cheio do Espírito de Deus, Ele compartilhou da alegria de Seu Pai por Seus filhos. Assim também será com todos cujas mentes são renovadas a olhar as pessoas do ponto de vista de Deus. Os pensamentos de Jesus sobre as outras pessoas eram sempre e consistentemente pensamentos de amor – nunca pensamentos de crítica por serem desajeitadas ou rústicas. As pessoas eram, portanto, capazes de detectar a doce fragrância do Seu Espírito “*e as pessoas comuns O ouviam alegremente*” (**Marcos 12:37**). Esse é o amor com que Deus inunda o nosso coração quando somos cheios do Espírito Santo (**Romanos 5:5**).

Jesus era constantemente movido de compaixão pelo doente, o necessitado, o faminto e o abandonado. Ele fez Sua a miséria deles e, assim, foi capaz de confortá-los. Podemos confortar os outros por sua miséria apenas na medida em que nos identificamos com ela. Jesus era sensível às necessidades não ditas dos outros, porque Ele usou Sua imaginação para colocar-Se em suas situações e, assim, era capaz de entender seus problemas. Ele ficou muito condoído, uma vez, quando Ele viu homens com o coração tão endurecido que não tiveram compaixão de um homem necessitado (**Marcos 3:5**).

Em Seu relacionamento com os homens, Jesus morreu para Si mesmo constantemente. Ele nunca ficava ofendido por alguma coisa que alguém Lhe fizesse ou dissesse. Nem ficava ofendido pela falha dos outros em fazer alguma coisa para Ele, porque Ele nunca esperava nada dos outros. Ele não veio para ser servido, mas para servir.

Porque Ele suportou a cruz diariamente, Jesus nunca estava irritado com ninguém, por mais rude [não estudado] ou pouco inteligente que essa pessoa fosse. A lentidão dos outros nunca O enervava; nem tampouco a desarrumação [pessoas mal vestidas], a desordem e o desleixo nunca O fizeram ficar impaciente. **O homem perfeito pode facilmente tolerar pessoas imperfeitas.** Apenas pessoas imperfeitas acham que a imperfeição dos outros é intolerável! **A paciência é uma das maiores manifestações do nosso amor pelos outros.**

Considere a glória do amor de Jesus em Seu discurso.

Jesus nunca menosprezou os outros nem fez comentários ou piadas sobre os outros que pudessem machucá-los. Ele nunca fez nenhuma declaração sutil que pudesse ferir. Ele nunca discutiu as deficiências dos Seus discípulos atrás de suas costas. É realmente surpreendente que, em três anos, Ele nunca expôs Judas na frente dos outros onze discípulos – pois, até mesmo na última ceia, os onze não podiam imaginar quem iria trair seu Mestre.

Jesus usou a Sua língua para encorajar e advertir os outros, assim fez de Sua língua um instrumento de vida na Mão de Deus. Ele usou a Sua língua para falar palavras consoladoras ao cansado (**Isaías 50:4**), e também como uma espada para derrubar o orgulhoso e o arrogante (**Isaías 49:2**).

Que grande encorajamento o centurião romano e a mulher siro-fenícia devem ter sentido quando eles ouviram Jesus elogiá-los publicamente por sua fé (**Mateus 8:10; 15:28**). A mulher pecadora, que foi elogiada por seu amor (**Lucas 7:47**), e Maria de Betânia, que foi elogiada por sua oferta sacrificial (**Marcos 14:6**), nunca devem ter esquecido as palavras de Jesus.

Quão fortalecido Pedro deve ter ficado com a declaração de Jesus de que oraria por ele (**Lucas 22:32**). Apenas algumas palavras, mas que força e encorajamento transmitiram!

Muitos outros devem ter ouvido palavras dos lábios de Jesus que elevaram seus espíritos cansados, porque está escrito em **Isaías 50:4** que Jesus ouviu diariamente a voz de Seu Pai, para que Ele pudesse ter uma palavra apropriada para as almas cansadas que passassem por Seu caminho a cada dia.

A justiça [retidão] de Jesus não era uma que Lhe dava uma aparência melancólica. Não. Ele foi ungido com o óleo de alegria (**Hebreus 1:9**). Ele tinha tal alegria transbordante na véspera de Sua crucificação, que Ele pôde dizer aos Seus apóstolos "... *que o meu gozo permaneça em vós*" (**João 15:11**). Ele foi em todo lugar espalhando essa alegria às almas tristes e cansadas.

Ele era gentil com todos os homens, nunca quebrando a cana amassada nem apagando a chama que ainda fuma (**Mateus 12:20**). Ele viu os pontos bons em pessoas fracas e pecadoras e esperou pelo melhor em todos. Ele era o tipo de pessoa com que todos desejavam estar juntos, porque Ele era compreensivo, amável

e gentil. Apenas o orgulhoso e aqueles com pecados ocultos O evitavam.

O amor de Jesus não era sentimental. Esse amor buscava o melhor para os outros. E assim Ele não hesitou em dar uma palavra de admoestação quando Ele viu que havia necessidade de tal palavra. Ele repreendeu Pedro por tentar desviá-Lo da cruz – e isso também com palavras tão fortes como: “Para trás de Mim, Satanás” (**Mateus 16:23**).

Ele repreendeu Tiago e João por procurarem lugares de honra e por quererem vingança dos samaritanos (**Mateus 20:22,23; Lucas 9:55**). E Ele repreendeu Seus discípulos sete vezes por sua incredulidade.

Jesus nunca tinha medo de falar a verdade, mesmo que isso ferisse os outros, porque Seu coração era cheio de amor por eles. Ele não estava preocupado se Sua reputação de bondade seria perdida por falar palavras fortes. Ele amava os outros mais do que a Si mesmo e, assim, Ele estava disposto a sacrificar Sua reputação, a fim de ajudá-los. Portanto, Ele falou a verdade firmemente, para que os homens não ficassem perdidos eternamente. O bem-estar eterno dos homens importava muito mais para Ele do que as suas opiniões sobre Ele.

Pedro descreveu o ministério de Jesus como “*andou fazendo o bem*” (**Atos 10:38**). Verdadeiramente, isso resumiu a Sua vida. Ele não era apenas um bom pregador, nem estava apenas interessado em ganhar almas. Ele amou o homem total (como um todo) e fez o bem em todos os lugares que Ele foi, tanto para o corpo como para a alma dos homens.

Seus inimigos, insultando-O, chamaram-No de “*amigo de cobradores de impostos e pecadores*” (**Lucas 7:34**), e isso foi exatamente o que Ele era, um amigo das pessoas mais desprezadas na sociedade.

Não é natural para o homem ir ao redor fazendo o bem e fazendo amizade com os rejeitados da sociedade. Mesmo quando isso é feito, é frequentemente feito com motivos egoístas. Entretanto, o amor de Jesus pelos rejeitados e os que não tinham amigos era altruísta e puro.

Não podemos manifestar a natureza de Cristo por refinamento cultural, mas apenas morrendo para o que é natural e recebendo o que é divino através do Espírito Santo.

O amor de Jesus possibilitou-Lhe servir os Seus discípulos alegremente e fazer tarefas desprezíveis [sujas] para eles – como

lavar os seus pés. Isso não foi feito para impressioná-los com Sua humildade, mas era o fluir natural do Seu amor por eles.

A bondade e o amor humanos invariavelmente têm algum motivo escondido, tal como a busca por honra ou algum outro motivo egoísta. É tão corrupto quanto a sua fonte. É somente o amor divino que não é corrompido. Jesus não fez o bem com algum pensamento de ganho pessoal. Sua bondade era manifestação da natureza do Seu Pai, que *"dá a luz do Seu sol para ambos o mau e o bom e envia chuva sobre o justo e o injusto também"* (**Mateus 5:45** – Bíblia Viva).

A natureza de Deus é fazer o bem e dar, dar e dar. Isso é tão natural para Ele quando é para o sol brilhar. Essa foi a glória manifesta na vida de Jesus. Ele constantemente fez o bem, serviu os outros, ajudou os outros e deu tudo o que podia aos outros.

As palavras em **João 13:29** indicam o que os discípulos viram sobre o uso de dinheiro por Jesus durante o Seu ministério público. Eles viram que Jesus usou o dinheiro apenas para dois propósitos: comprar o necessário e dar aos pobres.

Jesus ensinou aos Seus discípulos que *"é mais abençoado dar do que receber"* (**Atos 20:35**) e demonstrou por Sua vida que a vida mais feliz e mais abençoada que um homem pode viver nesta terra é uma vida totalmente para Deus e para os outros, dando a si mesmo e suas posses para abençoar os outros.

Jesus chorou e orou por aqueles para quem Ele pregou. Ele chorou sobre Jerusalém, quando eles não quiseram receber a Palavra de Deus. Ele chorou pelos hipócritas no templo, antes de entrar e usar o chicote para expulsá-los (**Lucas 19:41,45**). Somente aquele que chora está qualificado para usar o chicote.

Nenhum homem na terra teve um trabalho mais importante a realizar do que Jesus. Nenhum homem nunca conseguiu realizar um trabalho tão proveitoso em apenas três anos de ministério público. Verdadeiramente, Ele deve ter ficado ocupado dia e noite. No entanto, maravilha das maravilhas [isto é de pasmar], Ele nunca escolheu um secretário para controlar o acesso das pessoas a Ele! Quando os Seus discípulos tentaram agir como secretários Dele, Ele os repreendeu (**Marcos 10:13-15**).

Ele se fez livremente acessível a todas as pessoas em todos os momentos, apesar de Ele ter tido um ministério de milagres muito mais excelente do que o de qualquer homem (esse fato sozinho teria feito muitas pessoas fazerem demandas por Seu tempo).

Seus parentes pensaram que Ele estava louco em permitir tal situação, em que Ele ignorava até comer, a fim de ter tempo para ministrar às pessoas necessitadas (**Marcos 3:20,21**).

As pessoas sabiam que Jesus era acessível. Foi por isso que Nicodemos se sentiu livre para visitar Jesus tarde da noite, depois de Jesus ter terminado um dia ocupado de pregação. Nicodemos sabia muito bem que ele seria muito bem-vindo. Jesus dava essa impressão às pessoas – de que elas eram bem-vindas de vir procurá-Lo por ajuda, de dia ou de noite.

Os doentes foram levados a Ele, um dia, após o pôr do sol – um grande número deles – e Jesus pôs as Suas mãos sobre cada um deles (**Lucas 4:40**). Isso deve ter levado muitas horas. Mas Ele não tentou encurtar o processo, orando uma oração em massa por todos. Ele estava interessado em cada um deles e queria dar-lhes atenção individual. O fato de que Ele iria, assim, perder o Seu jantar e muitas horas do Seu sono não importava para Ele.

Jesus não considerava o Seu tempo como sendo Dele próprio. Ele se deu completamente às pessoas. As pessoas necessitadas podiam se suprir Dele, de Seu tempo, de Suas posses, de Seu tudo (**Isaías 58:10**). Ele estava disposto a ser incomodado, e Ele nunca ficava aborrecido quando incomodado ou quando as pessoas se intrometiam na Sua privacidade.

Os poderosos dons sobrenaturais do Espírito que eram manifestos através Dele abençoavam as pessoas, porque o poder de Deus Nele era envolvido e aquecido com o amor e a compaixão de Deus. Milagres sem amor e sem compaixão podem trazer morte espiritual, como um fio elétrico desencapado.

O amor e a preocupação de Jesus se estendiam a Seus parentes de carne também. Ele não tinha aquela ideia distorcida de "*trabalho do Senhor*" que os fariseus tinham, que encorajavam as pessoas que tinham ido para o "*ministério de tempo integral*" a desconsiderar seus pais necessitados, porque eles tinham de "*amar a Deus mais do que a seus pais*" (**Marcos 7:10-13**). Na cruz, enquanto Jesus estava morrendo, Ele foi atencioso o suficiente para fazer provisão para o futuro de Sua mãe (**João 19:25-27**).

Jesus viveu tão totalmente para Deus e para os outros que, mesmo morrendo, encontrou tempo para conduzir um ladrão à salvação. Pendurado lá na cruz, Ele não se importou com o Seu próprio sofrimento, nem com a zombaria e o ódio dos outros, e estava mais preocupado que aqueles que O crucificaram tivessem seus pecados perdoados (**Lucas 23:34**).

Jesus sempre venceu o mal com o bem. As torrentes de ódio dos outros não podiam extinguir o fogo ardente do Seu amor (**Cantares 8:7**). Esse é o amor que Ele nos dá pelo Seu Espírito por meio do qual podemos amar uns aos outros como Ele nos amou (**João 13:34,35; Romanos 5:5**). Assim, nós devemos também manifestar a natureza divina.

CAPÍTULO CINCO

VIVER NO ESPÍRITO

Nos últimos três capítulos, vimos o modo como Jesus viveu na terra – em humildade, santidade e amor.

O perigo agora é pensar que podemos imitar Jesus nessas áreas e, assim, nos tornar como Ele. A glória de Deus é para ser manifestada através de nós, não através de uma imitação de Jesus, mas através de participarmos da natureza divina.

Muitos não cristãos na história do mundo que tinham uma admiração por Jesus tentaram imitar a Sua humildade, pureza e amor e fizeram um bom trabalho disso. Mas é como a pintura [retrato] de um fogo que não aquece.

Os diamantes de imitação podem parecer tanto com as verdadeiras joias, que somente um especialista pode detectar a diferença. Mas eles são apenas pedaços de vidro, comparativamente sem valor. E o homem é um especialista em imitação – mesmo quando diz respeito a imitar Jesus.

Como é então que vamos escapar do engano? Como vamos saber se estamos meramente imitando Jesus ou participando realmente da natureza divina?

Há apenas um único caminho, que é permitir que o Espírito Santo use a Palavra para expor e separar aquilo que é anímico³ [da alma] daquilo que é espiritual na nossa vida (**Hebreus 4:12**). Se não distinguirmos entre aquilo que é anímico e o que é espiritual, podemos ser totalmente enganados e nem mesmo saber que estamos sendo enganados.

O que os crentes precisam entender mais do que tudo em nossos dias é como o poder da sua mente, emoções e vontade podem impedir o trabalho do Espírito Santo. Onde não distinguimos entre atividade que vem da alma e atividade espiritual, não só existe a possibilidade de sermos enganados por nosso próprio coração, mas também por espíritos malignos, que falsificam a obra de Deus.

A maioria dos crentes são totalmente ignorantes sobre a diferença entre atividade da alma e atividade espiritual, porque eles não

³ Nota do Tradutor: “*anímico*” significa “*relativo a ou próprio da alma*” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa).

desenvolveram a sua vida espiritual ao ponto em que progredir mais se torna dependente da diferenciação entre aquilo que é da alma e aquilo que é espiritual.

Um estudante normal de nono ano pode não saber a diferença entre cálculo diferencial e cálculo integral (e provavelmente considera os dois a mesma coisa), porque ele não avançou o suficiente em seu estudo de matemática ao ponto em que progredir depende da distinção entre essas duas formas de cálculo.

Se você está satisfeito em ser considerado pelos homens reto, bondoso, gentil e misericordioso, então você não irá além de ser um cristão "anímico", e uma mera imitação de Jesus.

Paulo divide os cristãos em três categorias:

- (i) o homem espiritual (**I Coríntios 3:1**);
- (ii) o homem anímico⁴ (**I Coríntios 2:14** – tradução literal); e
- (iii) o homem carnal (**I Coríntios 3:1**).

Isso corresponde à divisão em três partes do ser humano, mencionada em **I Tessalonicenses 5:23** – espírito, alma e corpo.

Quando somos governados pelos desejos do corpo, nós somos carnis. Mas podemos vencer esses desejos e ainda apenas sermos anímicos – governados pelos desejos da mente e das emoções. O homem espiritual é aquele que é governado pelo Espírito Santo e cuja alma e corpo estão sob o controle do Espírito.

Embora o homem anímico não seja necessariamente "hostil em relação a Deus" como o homem carnal é (**Romanos 8:7**), ele ainda não pode receber ou entender as coisas espirituais (**I Coríntios 2:14**), porque elas lhe são loucura. Mesmo a distinção entre alma e espírito, quando apresentada a ele, vai lhe parecer tola e desnecessária, porque ele é anímico e está contente em ser anímico, pois ele tem um bom testemunho diante dos homens. Aquele que busca a honra dos homens não pode nunca avançar além de ser anímico.

Nestes dias de engano em larga escala na igreja cristã, com muitas vozes e manifestações, todas reivindicando serem de Deus, é essencial, como nunca antes, que façamos a distinção entre atividade

⁴ Nota do Tradutor: A edição Almeida Corrigida Revisada Fiel traduz como "homem natural".

da alma e atividade espiritual, para nos mantermos livres dos enganos do maligno.

“O primeiro homem, Adão, se tornou alma vivente. O último Adão se tornou em espírito vivificante” (I Coríntios 15:45).

Nós que fomos libertos do domínio do primeiro Adão e fomos transferidos para o domínio de Cristo (o último Adão) precisamos entender o que significa deixar de viver da alma e o que significa viver no Espírito.

Não é suficiente que o elemento carnal da nossa carne fique inativo. O elemento da alma, apesar de menos feio, é também perigoso para o crescimento espiritual e precisa ser tratado. Devemos buscar ser salvos, cada vez mais, a cada dia, não somente do poder do pecado, mas também da atividade incansável da nossa alma.

Pessoas anímicas nunca serão capazes de entender por que Jesus falou como Ele falou em certas ocasiões. Uma vez, quando Ele estava no meio de uma multidão e Lhe foi dito que os Seus parentes queriam encontrá-Lo, Jesus apontou para os Seus discípulos e disse que eles eram Seus parentes mais próximos (**Mateus 12: 49,50**).

Os Seus parentes e os outros devem ter achado essa declaração dura e sem consideração. Mas Jesus não desejava ter nenhuma ligação anímica com os Seus parentes.

Os Seus discípulos poderiam não ter entendido também por que Jesus teve de ser tão duro na Sua repreensão a Pedro, quando Ele lhe disse: *“Para trás de mim, Satanás”*.

Pessoas anímicas não podem nunca fazer tais declarações, porque elas estão sempre querendo saber o que os outros irão pensar delas.

Podemos ter vencido os pecados na carne. Mas a pergunta que nos vem agora é saber se, na busca de ser como Jesus, vamos viver pelos recursos da nossa vida humana e anímica ou pelo poder da vida divina.

Será se vamos ser aperfeiçoados pelas nossas próprias habilidades ou pelo Espírito Santo (**Gálatas 3:3**)?

A animicidade⁵ é um obstáculo para o crescimento espiritual. Quando Pedro tentou desviar Jesus da cruz, ele estava fazendo isso com um

⁵ Nota do Tradutor: o autor usa o substantivo inglês “*souliness*” para começar este parágrafo (“*Souliness is a hindrance to spiritual growth*”). “*Souliness*” é uma palavra que tem como raiz “*soul*”, que

intenso amor humano por Cristo. Mas Jesus identificou isso com a voz do Diabo. Ele disse a Pedro: “*Você está pensando, não de acordo com a natureza de Deus (espiritual), mas com a dos homens (anímica)*” (**Mateus 16:23** – Tradução da Bíblia Ampliada). O cristão anímico é um cujo modo de pensar é ainda governado pela “vida de Adão”. Pode haver um intenso amor humano, e até mesmo um desejo por justiça, mas não é divino.

Quando Deus fez o homem, Ele o fez espírito, alma e corpo (**I Tessalonicenses 5:23**). O homem foi feito para ser o templo de Deus. E, quando Deus deu a Moisés o modelo do tabernáculo, a mesma divisão de três partes era vista nele – porque simbolizava o homem como o lugar da habitação de Deus.

O tabernáculo tinha três partes. Uma parte era aberta – o átrio exterior – e este corresponde ao corpo do homem, que pode ser visto. As outras duas partes – o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo – eram cobertas; e estes correspondem à parte invisível do homem – alma e espírito, respectivamente.

A presença de Deus estava no Lugar Santíssimo. De lá, Ele falava com o homem. Na regeneração, é o nosso espírito que o Espírito Santo faz viver, nos fazendo um único espírito com o Senhor (**I Coríntios 6:17**) – assim como marido e esposa se tornam uma só carne. A intenção de Deus nisso é que pelo Seu Espírito Santo Ele possa agora governar sobre a nossa redimida alma e corpo. Se percebermos isso e nos submetermos a Deus nesse Seu propósito para nós, podemos nos tornar homens espirituais.

A alma do homem consiste de sua mente (faculdade de pensar), suas emoções (faculdade de sentir) e sua vontade (faculdade de decidir). O homem não pode se comunicar com Deus com nenhuma delas,

significa “*alma*”; o sufixo *-ish*, que significa “*um tanto, aproximadamente*”; e o sufixo *-ness*, que é formador de substantivos abstratos em inglês. “*Soulishness*”, portanto, como usado pelo autor, tem o sentido de “*ser conduzido pela própria alma*”, ou seja, pelas próprias emoções, mente e vontade. Em português, não existe nenhuma palavra correspondente a “*soulishness*”; existe, no entanto, o adjetivo “*anímico*”, que tem o sentido de “*relativo a ou próprio da alma*”. Assim, usando-se o recurso de formação de palavras de que a língua portuguesa dispõe, utilizou-se o sufixo *-dade* (formador de substantivos abstratos derivados de adjetivos), para formar a palavra “*animicidade*”, a fim de traduzir a ideia do autor. “*Animicidade*”, então, no contexto deste livro, significa o modo de viver do homem natural, guiado por sua própria alma, ou seja, suas próprias emoções, mente e vontade.

assim como ele não pode tocar em Deus com seu corpo, porque Deus é Espírito (**João 4:24**).

Assim como o mundo material somente pode ser tocado com o corpo, assim também só pode haver comunicação no mundo espiritual pelo espírito. Se não distinguirmos entre alma e espírito, podemos ser enganados pelas imitações de Satanás no campo da alma, que ficam mascaradas como obra do Espírito Santo.

Apenas com a nossa alma, por ela mesma, não podemos conhecer a Deus. Uma mente inteligente não tem nenhuma vantagem sobre uma mente lenta quanto a conhecer a Deus, porque a capacidade da alma humana não lhe dá nenhuma vantagem no que diz respeito àquilo que é recebido no seu espírito. O espírito e a alma são totalmente diferentes. Então, tentar conhecer a Deus por meio da própria alma é tão tolo quanto tentar ver através do ouvido!

Considere como nós estudamos as Escrituras. Usamos o nosso corpo (olhos) e a nossa alma (mente), quando lemos a Palavra de Deus. Mas o nosso espírito pode ainda ser escuro como a meia-noite, se o Espírito Santo não nos conceder revelação sobre o significado da Palavra. O conhecimento bíblico só prova que você tem uma boa mente – uma alma poderosa. Seu espírito pode ainda ser cego. Deus esconde a Sua verdade do inteligente e do esperto e a revela ao humilde (**Mateus 11:25**). A cegueira dos teólogos da época de Jesus é uma prova evidente disso (**I Coríntios 2:7,8**).

As nossas emoções são também uma parte da alma. Deus não pode ser sentido pelas emoções. A exuberância emocional não é espiritualidade, mas meramente a excitação da alma. Ela pode existir lado a lado com o pecado mais profundo em um indivíduo, assim como a agudeza intelectual pode coexistir com o pecado.

Os profetas de Baal no Monte Carmelo eram altamente emocionais, gritando, delirando e dançando (**I Reis 18:26-29**), mas eles não eram espirituais. Esses comportamentos podem ser encontrados em reuniões cristãs altamente emocionais também, mas isso não tem nada a ver com a verdadeira espiritualidade.

Judas Iscariotes foi provavelmente o mais inteligente dos discípulos, mas os seus poderes da alma não o ajudaram a conhecer a verdade de Deus. Os estudiosos em Jerusalém também não puderam entender o que Simão Pedro, com a sua falta de instrução, entendeu pela revelação Divina (**Mateus 16:17**).

Não podemos conhecer a Deus pelo poder da alma. O cristão anímico é aquele que tenta fazer isso.

O cristão anímico pode parecer ser humilde, mas ele está sempre consciente de sua humildade. A verdadeira humildade é inconsciente de si mesma. O cristão anímico tem de fazer um esforço para parecer humilde, enquanto a verdadeira humildade é sempre espontânea e sem esforço, porque ela flui de dentro.

O cristão anímico pode também parecer ter um zelo por justiça. Ele pode tomar o chicote e afugentar as pessoas para fora da igreja, e mesmo trovejar contra o pecado, imaginando que ele mesmo é um profeta, mas ele procura a honra dos homens por suas ações. Ele sempre tem um olho na opinião dos homens. Também pode haver uma variedade mais sutil de animicidade, em que um homem pode dizer: *"Eu não me importo com o que todos pensam sobre mim"*. Mas o fato de ele querer que os outros saibam que ele não se importa com suas opiniões revela sua animicidade.

O cristão anímico pode parecer ter grande compaixão também. Mas é sempre humana e sem sabedoria. Por exemplo, um cristão anímico, na tentativa de ser amável, pode enviar ajuda material regularmente para um homem carente, que, na verdade, pode ser um filho pródigo, que está sendo disciplinado por Deus. Essa ajuda será, na verdade, um obstáculo para que esse homem se volte para Deus. O cristão anímico, porém, terá uma satisfação, imaginando que ele está servindo a Deus, não percebendo que está, de fato, cumprindo os propósitos do Diabo com seus "atos de amor".

O que está dito acima são apenas alguns exemplos entre muitas possibilidades. Mas isso deve ser suficiente para nos mostrar a desesperada necessidade de distinguir entre atividade da alma e atividade espiritual.

O fruto da alma pode parecer com o fruto do Espírito, e muitos têm sido enganados. Nós mesmos podemos ser enganados.

Laranjas e bananas de plástico têm enganado muitas pessoas sentadas a uma mesa de jantar. Mas elas são apenas decorativas e não têm nenhum valor nutritivo. Assim também no que se refere à imitação anímica das virtudes de Cristo.

Tudo o que foi dito até agora não significa que a nossa alma não tem nenhuma utilidade. O próprio Deus criou a alma do homem, e Ele determinou uma função para ela. Precisamos usar a nossa mente e as nossas emoções, mas a verdadeira espiritualidade começa nos humilhando debaixo da potente mão de Deus e abrindo mão da nossa vontade (que é a porta para o nosso espírito) totalmente a Deus. É fora dessa porta da nossa vontade que Jesus está e bate para entrar (**Apocalipse 3:20**).

Quando estamos dispostos a dizer, como fez Jesus nos dias da Sua carne, *“Não a Minha vontade, mas a Tua vontade seja feita”*, só então é que podemos viver como Jesus viveu. Então, Deus pode governar o nosso espírito. E a nossa alma se tornará serva do Espírito de Deus. E então o nosso corpo também será trazido sob o controle do Espírito Santo. Somente tal homem pode ser chamado de *“um homem espiritual”* ou *“um homem cheio do Espírito”*.

Conversão, ser batizado no Espírito e o exercício dos dons espirituais não fazem um homem espiritual, como está amplamente comprovado pelo exemplo dos cristãos de Corinto. Eles exercitaram todos os dons do Espírito, ainda que fossem escravos dos pecados da carne e se glóriassem do seu conhecimento intelectual e das suas euforias emocionais. Eles não eram espirituais.

Vimos que, no tabernáculo, a presença de Deus era no Lugar Santíssimo. Entre o Lugar Santíssimo e o Lugar Santo, havia pendurada uma cortina grossa (véu). Era isso que impedia a glória de Deus de brilhar diretamente no Lugar Santo. Esse véu simbolizava a carne (**Hebreus 10:20**). É quando a carne é crucificada (o véu rasgado) que a glória de Deus brilha diretamente em toda a nossa personalidade (a nossa alma).

Se andarmos fielmente no novo e vivo caminho que Jesus inaugurou para nós pela Sua carne, então a vida de Deus irá brilhar através da nossa personalidade e será manifestada através de nós, mais e mais.

Então, a Escritura será cumprida em nós, a qual diz:

“O caminho dos justos que não se corrompem é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais – mais luminosa e mais nítida – até que atinja a sua total força e glória no dia perfeito (quando Cristo voltar)” (**Provérbios 4:18** – Tradução da Bíblia Ampliada).

É assim que o Espírito Santo nos transforma de glória em glória, progressivamente (**II Coríntios 3:18**), até que nos tornemos totalmente como Jesus no dia em que Ele voltar (**I João 3:2**).

Vimos que Jesus nunca fez a Sua própria vontade. Em outras palavras, Ele nunca viveu guiado pela Sua mente ou pelas Suas emoções. Ele viveu no Espírito, e a Sua alma humana foi submissa ao Espírito Santo. Jesus usou a Sua mente e as Suas emoções amplamente, mas sempre como servos do Espírito Santo, que era o Senhor na Sua vida. Assim, a glória de Deus brilhou através Dele, desimpedidamente, em toda a sua plenitude.

A Bíblia ensina que toda a nossa vida e labor serão testados pelo fogo, no dia em que Jesus voltar à terra (**I Coríntios 3:10-14**). O teste do fogo vai determinar se nosso trabalho foi anímico ou espiritual. Somos exortados a construir com ouro, prata e pedras preciosas, que podem sobreviver ao fogo, e não com madeira, feno e palha, que vão ser reduzidos a cinzas.

O que significa construir com ouro, prata e pedras preciosas?

Romanos 11:36 nos dá a resposta. Ali nos é dito que todas as coisas são *“de Deus, por Ele e para Ele”*.

Toda a criação se originou em Deus, é sustentada pelo Seu poder e foi feita para glorificá-Lo. Mas Satanás e o homem violaram essa lei.

Não obstante, somente o que se origina em Deus, e é feito no poder de Deus, para a glória de Deus, é eterno. Todo o resto irá perecer, ser reduzido a cinzas no fogo no tribunal de Cristo.

Então, o que se origina na alma do homem (a partir do homem) e é feito por meio do poder humano, para a honra do homem, é madeira, feno e palha, mesmo que seja chamado trabalho cristão!!

Por outro lado, aquilo que se origina de Deus, e é feito por meio do Seu poder, para a Sua glória, será descoberto que é ouro, prata e pedras preciosas, no tribunal de Cristo.

No dia final da prova, não vai ser testada a quantidade do nosso trabalho, mas a qualidade. O material que usamos terá mais importância do que o tamanho da nossa estrutura. A origem, o poder e o motivo dos nossos trabalhos vão ser muito mais importantes naquele dia do que a quantidade que fizemos ou sacrificamos.

Jesus é o nosso Exemplo nessa questão de não viver pela alma, mas viver no Espírito. Ele nunca agiu por Sua própria iniciativa, ou por meio de Suas próprias habilidades humanas ou para a Sua própria glória. Ele fez apenas o que se originou em Deus, e fez isso no poder de Deus e para a glória de Deus.

Ele repetidamente disse a Seus discípulos:

“Aquele que quiser salvar a sua vida anímica, irá perdê-la: mas aquele que perder sua vida anímica por Minha causa irá achá-la”.

Essas palavras de Jesus a respeito de odiar (ou perder) a sua vida anímica são repetidas sete vezes nos quatro evangelhos (**Mateus**

10:39; 16:25; Marcos 8:35; Lucas 9:24; 14:26; 17:33; João 12:25).

Certamente essa deve ser uma das coisas mais importantes que Jesus ensinou, se o Espírito Santo achou necessário repetir sete vezes nos quatro evangelhos. Mesmo assim, poucos crentes entendem o que Jesus quis dizer.

Como vamos distinguir entre o anímico e o espiritual na nossa vida? A resposta é: Olhar para Jesus, a Palavra Viva, como revelado a nós pelo Espírito Santo por meio das Escrituras, a Palavra Escrita.

Devemos nos julgar, não pela luz da nossa própria alma, mas pela luz de Deus (**Salmo 36:9**). E essa luz é achada em Jesus (**João 8:12**) e na Palavra de Deus (**Salmo 119:105**).

Jesus, a Palavra que se fez carne, diz:

"Aprenda do Meu exemplo ... e você encontrará descanso para a agitação da sua alma" (Mateus 11:29 – paráfrase).

Também lemos que

"a Palavra de Deus divide e mostra o que é anímico e o que é espiritual" (Hebreus 4:12 – Paráfrase).

E assim é para Jesus, nosso Exemplo (Precursor), e para a Palavra de Deus, como o nosso Guia, que devemos olhar para obter luz nessa área. A perfeição é encontrada na vida terrena de Jesus e na Palavra de Deus. Então, vamos olhar para eles cuidadosamente.

CAPÍTULO SEIS

VIVER NA VONTADE DE DEUS

“A partir Dele são todas as coisas” (**Romanos 11:36**).

Jesus disse que o reino dos Céus pertencia ao pobre de espírito (**Mateus 5:3**). Ele também disse que somente aqueles que fazem a vontade do Pai entrariam nesse reino (**Mateus 7:21**). O reino dos Céus é eterno, e somente aquilo que foi feito na vontade de Deus será encontrado lá. Os pobres de espírito são aqueles que são conscientes de sua insuficiência humana e que, portanto, se submetem completamente à vontade de Deus.

Nesse sentido, Jesus era continuamente pobre de espírito. Ele viveu como Deus pretendeu que o homem vivesse – em constante dependência de Deus, recusando exercer os poderes de Sua mente, sem considerar Deus. Considere Suas palavras:

“O Filho não pode fazer nada (a partir) de Si mesmo ... Eu não faça nada de Minha própria iniciativa, mas Eu falo como o Pai Me ensinou ... Eu não vim de Minha própria iniciativa, mas Ele Me enviou ... Eu não falei de Minha própria iniciativa, mas o próprio Pai que Me enviou Me deu mandamento sobre o que dizer e sobre o que falar ... As palavras que Eu digo Eu não falo de Minha própria iniciativa, mas o Pai que permanece em Mim faz a Sua obra” (**João 5:19, 30; 8:28,42; 12:49; 14:10**).

Jesus nunca agiu simplesmente porque Ele viu uma necessidade. Ele via a necessidade, ficava preocupado com ela, mas agia somente quando o Seu Pai lhe dizia.

Ele esperou pelo menos quatro mil anos no Céu, enquanto o mundo estava precisando desesperadamente de um Salvador, e, então, veio à terra quando o Seu Pai O enviou (**João 8:42**). “Quando chegou o tempo certo, o tempo determinado por Deus, Ele enviou o Seu Filho” (**Gálatas 4:4** – Bíblia Viva). Deus designou um tempo certo para todas as coisas (**Eclesiastes 3:1**). Só Deus sabe esse tempo, e, então, não vamos errar se buscarmos a vontade do Pai em tudo, como Jesus fez.

E, quando Jesus veio à terra, Ele não saiu por aí fazendo o que Ele achava que era bom. Mesmo sendo a Sua mente perfeitamente pura, Ele nunca agiu movido por alguma ideia brilhante que veio à mente. Não. Ele fez da Sua mente um servo do Espírito Santo.

Embora Ele soubesse as Escrituras totalmente com a idade de 12 anos, Ele passou os próximos dezoito anos como um carpinteiro, ficando com a Sua mãe, fazendo mesas e cadeiras, etc. Ele tinha a mensagem certa que os homens, que estavam morrendo ao seu redor, precisavam e, ainda assim, Ele não saiu no ministério de pregação. Por quê? Porque o tempo do Pai ainda não havia chegado.

Jesus não tinha medo de esperar.

“Aquele que crê não se apressará” (**Isaías 28:16**).

E quando o tempo do Seu Pai chegou, Ele saiu da Sua loja de carpintaria e começou a pregar. Muitas vezes, daí em diante, Ele diria no que concerne a alguma ação em curso: “*Minha hora ainda não chegou*” (**João 2:4;7:6**). Tudo na vida de Jesus era regulado pelo tempo e pela vontade do Pai.

A necessidade dos homens, por si só, nunca constituiu para Jesus a chamada à ação, porque isso seria agir por Si mesmo – a partir da Sua alma. A necessidade dos homens era para ser levada em consideração, mas era a vontade de Deus que deveria ser feita. Jesus deixou isso muito claro em **João 4:34, 35**.

A necessidade (**v. 35**):

“Olhe ao seu redor! Vastos campos de almas humanas estão amadurecendo em torno de nós e estão prontos agora para serem colhidos ...”.

O princípio⁶ da ação (**v. 34**):

“Meu alimento vem de fazer a vontade de Deus, que Me enviou, e terminar a Sua obra” (Bíblia Viva).

Jesus não fez as muitas coisas boas que Seus amigos sugeriram, porque Ele sabia que, se Ele ouvisse os homens e fizesse o que aparentemente era bom, Ele perderia o melhor que o Seu Pai tinha para Ele.

Uma vez, quando os homens imploraram que Ele ficasse em determinado lugar, Ele disse que não podia, porque Ele tinha ouvido a voz de Seu Pai chamando-O para ir a outro lugar. Humanamente falando, havia muitas boas razões para ficar onde Ele estava, por causa da resposta incomum das pessoas à Sua mensagem. Mas os pensamentos de Deus não são como os pensamentos do homem, e

⁶ Nota do Tradutor: “Princípio” está usado aqui no sentido de “regra ou norma”.

os caminhos de Deus não são como os caminhos do homem (**Isaiás 55:8**). Cedo naquela manhã, Jesus tinha saído sozinho e orado, e Ele tinha ouvido a voz do Seu Pai (**Marcos 1:35-39**), antes de ouvir Pedro e os outros com suas sugestões. Jesus não confiava no raciocínio humano. Ele obedecia à Palavra, que dizia: *"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas"* (**Provérbios 3:5,6**). Ele se apoiava no Seu Pai para direção em todos os assuntos.

Em uma referência profética ao Senhor Jesus em **Isaiás 50:4**, lemos: *"Manhã após manhã, Ele (o Pai) Me acorda e abre o Meu entendimento para a Sua vontade"*. Esse era o hábito de Jesus. Ele ouvia à voz do Seu Pai, desce cedo da manhã, e por todo o dia, e fazia exatamente o que o Seu Pai lhe dizia para fazer. Ele não tinha discussões com homens para decidir o que fazer, mas tinha momentos de oração com o Seu Pai. Cristãos anímicos planejam por meio de discussões com homens. Cristãos espirituais esperam ouvir de Deus.

Jesus viveu por Seu Pai (**João 6:57**). Para Jesus, a Palavra de Deus era mais importante do que a comida (**Mateus 4:4**). Ele tinha de recebê-la muitas vezes por dia, diretamente do Pai. Tendo-a recebido, Ele a obedecia. A obediência também era mais importante do que a Sua comida diária (**João 4:34**). Jesus viveu na dependência do Pai. Sua atitude ao longo do dia era: *"Fala, Pai, eu estou ouvindo"*.

Considere Jesus expulsando os cambistas do templo. Deve ter havido muitas ocasiões em que Jesus estava no templo com os cambistas lá, quando Ele não os expulsou. Ele fez isso somente quando foi levado a fazê-lo por Seu Pai. O cristão anímico prefere expulsar os cambistas continuamente ou nunca. Aquele que é conduzido por Deus, no entanto, sabe quando, onde e como agir.

Havia muitas boas coisas que Jesus poderia ter feito, que Ele nunca fez, porque estavam fora do escopo da vontade do Seu Pai para Ele. Ele estava sempre ocupado fazendo as melhores coisas. E elas eram o suficiente. Ele não veio à terra para fazer coisas boas, mas para fazer a vontade de Seu Pai.

"Vocês não sabiam que Eu tinha de estar nas coisas de Meu Pai?", Ele perguntou a José e Maria, na idade de doze anos (**Lucas 2:49** – Literal). Aquelas eram as únicas coisas que Ele estava interessado em realizar. Quando Ele chegou ao final de 33 anos e meio na terra, Ele pôde dizer, com real satisfação: *"Pai, Eu fiz tudo o que VOCÊ Me disse para fazer"* (**João 17:4**).

Ele não tinha viajado ao redor do mundo, Ele não tinha escrito nenhum livro, os Seus seguidores eram poucos, ainda havia muitas necessidades não satisfeitas em muitas partes do mundo, etc, etc; mas Ele tinha terminado o trabalho que o Pai tinha designado para Ele. Isso, e apenas isso, importa no final das contas.

Jesus era um servo do Senhor Jeová. E *“a coisa mais importante sobre um servo é que ele faz exatamente o que seu mestre lhe diz para fazer”* (**I Coríntios 4:2** – Tradução da Bíblia Viva). Ele gastou a Sua vida ouvindo a Seu Pai e, assim, executou toda a vontade do Seu Pai, sem se esgotar ou se frustrar por essa “ocupação”. Ele colocou os seus próprios interesses humanos para morrer. Ele não era anímico. Ele era espiritual.

Ele deu alta prioridade à oração em Sua vida. Ele frequentemente se retirava para o deserto e orava (**Lucas 5:16**). Uma vez, Ele passou a noite toda em oração para saber a vontade do Pai concernente à escolha dos doze discípulos (**Lucas 6:12,13**). O cristão anímico considera o tempo gasto em esperar em Deus como tempo perdido e ora apenas para aliviar a sua consciência. A oração não é uma necessidade desesperada na sua vida, porque ele é confiante em si mesmo. O homem espiritual, no entanto, é dependente de Deus continuamente para todas as coisas e, assim, é levado, por pura necessidade, a orar.

Jesus disse que a única coisa necessária era ouvir a Sua Palavra (**Lucas 10:42**). Maria de Betânia foi um exemplo disso. Marta, por outro lado, apesar de ocupada em trabalho não egoísta, estava inquieta e crítica de Maria. Nessas duas irmãs, vemos o contraste entre atividade espiritual e atividade anímica. Marta não estava cometendo nenhum pecado em servir ao Senhor e aos Seus discípulos. No entanto, ela estava inquieta e crítica de Maria. Esse é um retrato claro de serviço anímico. O cristão anímico é agitado e irritado. Ele não cessa de seus “próprios trabalhos” e não entrou no descanso de Deus (**Hebreus 4:10**). As suas intenções são boas, mas ele não percebeu que as suas próprias obras, por melhores que sejam, ainda são “trapos de imundícia” aos olhos de Deus, mesmo depois da conversão (**Isaías 64:6**).

As boas ovelhas de Amaleque (a carne) são tão inaceitáveis a Deus quanto as más (**I Samuel 15:3, 9-19**); mas o raciocínio humano não consegue entender isso. Parece tolice jogar fora as boas ovelhas, quando elas poderiam ser dadas a Deus. Contudo, Deus requer obediência, e NÃO sacrifício. *“O obedecer é melhor do que o sacrificar”* (**I Samuel 15:22**); mas, como podemos obedecer, se não ouvimos o que Deus tem a dizer? O ouvir tem de anteceder a obediência. Por essa razão, Jesus disse que a única coisa necessária era ouvir a Sua voz. Tudo o mais era dependente disso.

Se estivermos vazios de autossuficiência, iremos orar como Salomão fez: *“Ó Senhor meu Deus, dá a Teu servo um coração que escuta, para discernir entre o bem e o mal”* (**I Reis 3:7,9, literal**). Jesus sabia que Ele tinha de ouvir o Seu Pai, para Ele discernir entre o que era bom (no seu sentido mais elevado) e o que não era bom – entre o que era a vontade do Seu Pai e o que não era.

Fora da Porta Formosa do Templo de Jerusalém, Jesus muitas vezes viu um homem aleijado pedindo esmolas; contudo Ele não o curou, porque Ele não tinha nenhuma direção de Seu Pai para fazer isso. Mais tarde, depois de Ele ter subido ao Céu, Pedro e João trouxeram cura àquele homem – no tempo perfeito do Pai – e isso resultou em muitas pessoas se voltando para o Senhor (**Atos 3:1-4:4**). Esse era o tempo do Pai para curar aquele homem, não antes. Jesus sabia que o tempo do Pai era perfeito e, então, Ele nunca estava impaciente para fazer algo.

A vida de Jesus foi uma vida de perfeito descanso. Ele teve tempo suficiente em 24 horas, todos os dias, para fazer a vontade do Seu Pai. Entretanto, se Ele tivesse decidido fazer o que parecia ser bom para Ele, então 24 horas por dia não teriam sido suficientes e Ele teria acabado em inquietação na maioria dos dias. Jesus pôde se regozijar em cada interrupção que veio a Ele, porque Ele aceitou o fato de que um Pai soberano no Céu estava planejando a Sua agenda diária. E, assim, Ele nunca estava irritado com as interrupções. A vida de Jesus vai trazer o nosso ser interior no perfeito descanso também. Isso não significa que não iremos fazer nada, mas que faremos apenas o que está no plano do Pai para a nossa vida. Então, estaremos mais desejosos de concluir a vontade do Pai do que o nosso próprio programa pré-determinado.

Cristãos anímicos são tão empenhados em fazer *“aquilo que eles querem”*, que eles ficam frequentemente irritados e inquietos. Alguns deles acabam tendo um colapso nervoso ou físico, ao final.

Era impossível para Jesus ter um colapso nervoso, porque Ele estava em perfeito descanso no Seu homem interior. Ele nos diz:

“Tomem o Meu jugo sobre vocês e aprendam do Meu exemplo, e vocês também encontrarão descanso em suas almas”
(**Mateus 11:29**).

Essa é a glória de Jesus que o Espírito de Deus nos mostrou na Palavra e que Ele deseja nos transmitir e manifestar através de nós.

O Senhor é o nosso Pastor e Ele conduz as Suas ovelhas em pastagens de descanso. As ovelhas não planejam o seu próprio programa, nem decidem a qual pastagem ir em seguida. Elas apenas

seguem o seu Pastor. Todavia, é preciso esvaziar-se de autoconfiança e autossuficiência para seguir o Pastor assim. Jesus humildemente seguiu o Seu Pai; mas os cristãos anímicos não querem ser ovelha e, portanto, são desviados pelo seu próprio intelecto. A nossa inteligência é um presente maravilhoso de Deus e muito útil, mas pode se tornar o mais perigoso de todos os presentes se elevado ao lugar de senhorio na nossa vida.

O Senhor ensinou os Seus discípulos a orar: *"Pai, a Tua vontade seja feita na terra como é feita no Céu"*. Como a vontade de Deus é feita no Céu? Os anjos lá não correm em volta tentando fazer *"algo para Deus"*. Haveria confusão no Céu se eles agissem assim. O que eles fazem? Eles esperam na presença de Deus para ouvir o que Ele comanda e, em seguida, fazer exatamente o que a eles é dito individualmente para fazer. Ouça as palavras do anjo Gabriel a Zacarias: *"Eu sou Gabriel, que fico na presença de Deus; e eu fui enviado a falar com você ..."* (**Lucas 1:19**). Foi essa a posição que o Senhor Jesus também tomou – esperar na presença do Seu Pai, ouvir a Sua voz e fazer a Sua vontade.

Cristãos anímicos podem trabalhar duro e sacrificar muito, mas a clara luz da eternidade irá revelar que *"eles trabalharam muito a noite toda e não pegaram nada"*. Contudo, aqueles que tomaram a sua cruz diariamente (negaram a sua vida de alma e a colocaram à morte) e obedeceram ao Senhor vão ter redes cheias de peixe naquele dia (**João 21:1-6**).

"Todo aquele que se deixa desviar do trabalho que Eu planejo para ele", disse Jesus, *"não é apto para o reino de Deus"* (**Lucas 9:62** – Tradução da Bíblia Viva). *"Cuide do ministério que você recebeu no Senhor, para que você o cumpra"* (**Colossenses 4:17**).

"Toda planta que o Meu Pai Celestial não plantou, será arrancada" (**Mateus 15:13**).

A questão não é se a planta é boa, mas quem a plantou. Deus é o único Iniciador legítimo de tudo. A Bíblia começa com as palavras: *"No princípio era Deus"*. Assim deve ser com todas as nossas ações: elas devem se originar em Deus, e não na nossa mente, a fim de que elas durem eternamente.

"Aquele que faz a vontade de Deus permanecerá para sempre" (**I João 2:17**). Todo o resto vai perecer.

Então, vamos nos fazer esta pergunta:

ESTOU VIVENDO E TRABALHANDO, NA VONTADE DE DEUS?

CAPÍTULO SETE

VIVER PELO PODER DE DEUS

“Por Ele são todas as coisas” (**Romanos 11:36**).

Adão foi criado por Deus com poderes fantásticos na sua alma. Ele pôde dar um nome a cada animal e ave que Deus tinha feito (**Gênesis 2:19**). Achamos difícil lembrar até mesmo uns poucos desses milhares de nomes. Adão pôde dar um nome diferente para cada um. Essa é apenas uma indicação do poder da alma de Adão. Esses poderes que Deus lhe deu eram destinados a serem usados na dependência de Deus. Mas Adão escolheu desenvolvê-los separado de Deus e, depois daquela escolha fatal no Éden, começou a viver por sua alma.

Precisamos saber algo da diferença entre o poder do Espírito Santo e o poder da alma, para distinguirmos entre atividade anímica e atividade espiritual e escaparmos de sermos enganados pelas falsificações de Satanás.

Considere uma área em que o poder da alma humana está sendo usado extensivamente na cristandade hoje – a área de cura.

Desde o século dezenove, a ciência começou a descobrir alguma coisa sobre os grandes poderes da mente humana. A ciência do hipnotismo tem feito grandes avanços, e é surpreendente ver o que é possível através dos poderes mentais. Os princípios do hipnotismo estão agora sendo importados para o cristianismo sob o rótulo de “dons do Espírito Santo”.

Isso não é para desprezar os dons genuínos do Espírito, que sempre irão conduzir à edificação da igreja e à glória de Deus; mas desprezar as falsificações, que parecem muito com o genuíno, mas conduzem à exaltação das personalidades humanas e à construção do seu próprio reino e seus impérios financeiros!

Muito do que se passa por cura Divina nestes dias, nas mãos de “curadores de fé” (cristão ou não cristão), é meramente o uso desses poderes da mente humana – convencer alguém de que está curado, mesmo quando os sintomas ainda estão lá. Uma vez que uma percentagem muito elevada de doenças hoje são psicossomáticas (isto é, doenças físicas que têm origem mental ou emocional), é verdade que o “pensamento positivo” e uma mudança de atitude em relação à própria doença normalmente produzem cura no corpo.

Contudo, isso é apenas o resultado do funcionamento das leis naturais do corpo e da mente. Não é nenhuma cura sobrenatural.

Jesus ainda cura as pessoas hoje miraculosamente, mas não por tais truques psicológicos. Onde quer que o genuíno dom de cura se manifeste, não haverá nenhuma força mental para crer – porque a fé é um dom de Deus e se baseia nas promessas da Sua Palavra, e não no produto de “pensamento positivo”.

Ao praticar os princípios do hipnotismo (mesmo involuntariamente), os homens podem ter poder sobre os outros de uma forma que Deus nunca quis que eles tivessem. Isso também pode muitas vezes ser confundido nos círculos cristãos como sendo a autoridade do Espírito Santo em um indivíduo.

Há graves perigos em desenvolver o poder da alma de alguém, fora de Deus. Deus nos deu esses poderes para serem submetidos a Ele para o Seu uso.

Foi assim que Jesus viveu. Ele colocou a Sua vida de alma à morte e se recusou a viver pelos poderes de Sua alma humana. Ao invés disso, Ele viveu em total dependência do Seu Pai e procurou pelo poder do Espírito Santo constantemente tanto para a Sua vida quanto para o Seu ministério.

Nós já vimos que Ele frequentemente se retirava para o deserto a fim de orar (**Lucas 5:16**). Durante os Seus últimos dias, antes da crucificação, Ele ensinava no templo durante o dia e se retirava para o Monte das Oliveiras durante a noite – sem nenhuma dúvida, para ter momentos estendidos de oração, sem ser perturbado (**Lucas 21:37,38**).

Viver por fé é viver em tal dependência contínua do Pai.

Somente o que é feito pelo poder de Deus é eterno. Tudo o mais irá perecer. A Bíblia compara o homem que vive em dependência de Deus a uma árvore que extrai o seu sustento de um rio subterrâneo (**Jeremias 17:5-8**). Foi assim que Jesus viveu – continuamente extraindo os Seus recursos espirituais, como homem, do Espírito Santo (o rio de Deus).

A vitória de Jesus sobre a tentação não foi por meio de determinação humana, mas porque Ele extraiu força do Pai, momento a momento. O caminho da abnegação como exemplificado e ensinado por Jesus não é aquele em que a alma tenta se dominar. Não. Isso é budismo e ioga, e é tão diferente do ensino da Escritura, quanto a terra é diferente do céu.

Jesus ensinou que, como seres humanos, não temos o poder de viver e servir a Deus como deveríamos. Ele disse que somos como galhos incapazes, totalmente dependentes da seiva fornecida pela árvore para frutificação. "*Fora de Mim*", Ele disse, "*vocês não podem fazer nada*" (**João 15:5**). E, assim, o que tentamos fazer, sem a ajuda do Espírito Santo, pode ser considerado como NADA.

Aqui reside a necessidade vital de ser "*cheio do Espírito permanentemente*" (**Efésios 5:18**).

O próprio Jesus era cheio do Espírito Santo e ungido com o Espírito Santo (**Lucas 4:1,18**), e Ele viveu e trabalhou para o Seu Pai no poder do Espírito; contudo, isso foi possível somente, porque, como homem, Ele era pobre de espírito.

Jesus era consciente da fraqueza da estrutura humana que Ele tinha assumido. Portanto, Ele estava continuamente procurando por oportunidades de ficar sozinho e orar. Alguém já disse que, assim como os turistas procuram por bons hotéis e pelos principais pontos turísticos para serem vistos, quando eles entram em uma cidade, Jesus também procurava por lugares solitários onde Ele pudesse orar.

Ele buscou por poder para vencer a tentação e colocar o Seu poder da alma para morrer. Nenhum homem foi tão consciente quanto Jesus da absoluta fraqueza da carne, e assim Ele buscou a face do Pai em oração por ajuda, como nenhum homem fez. Ele orou com "*grande clamor e lágrimas*" nos dias da Sua carne. O resultado foi que Ele foi poderosamente fortalecido pelo Pai, muito mais do que qualquer outro homem. Assim, Jesus nunca pecou nem única vez e nunca viveu pela Sua alma (**Hebreus 4:15; 5:7-9**).

Você não acha que é algo significativo que 25 vezes nos evangelhos as palavras "orar" ou "oração" são usadas em conexão com Jesus?

Aí reside o segredo da Sua vida e dos Seus trabalhos.

Jesus não somente orou antes de grandes eventos de Sua vida, mas também depois de algumas de Suas grandes realizações. Depois de alimentar os cinco mil milagrosamente, Ele se retirou para as montanhas a fim de orar. Isso foi sem dúvida para se guardar de tentações de orgulho ou de presunçosa satisfação pessoal em relação ao trabalho realizado e para renovar a Sua força, esperando no Seu Pai (**Isaias 40:31**). Costumamos orar somente antes de termos alguma tarefa importante para fazer para o Senhor; contudo, se desenvolvermos o hábito que Jesus tinha, de esperar diante do Pai depois de termos terminado nossa tarefa, nós nos preservaremos de orgulho e, desse modo, estaremos equipados para fazer coisas maiores para o Senhor.

Quanto mais a vida de Jesus se tornou agitada [ocupada], mais Ele orava. Houve momentos em que Ele não tinha tempo para comer, nem mesmo para descansar (**Marcos 3:20; 6:31, 33, 46**); mas Ele sempre separava tempo para orar. Ele sabia quando dormir e quando orar, porque Ele obedecia à direção do Espírito.

A pobreza de espírito é um pré-requisito para a oração eficaz. A oração é a expressão de desamparo humano, e, se é para ser significativa e não um mero ritual, deve haver um reconhecimento constante da insuficiência dos recursos humanos para viver a vida cristã ou para servir a Deus.

Jesus continuamente buscou o poder de Deus na oração, e nunca foi desapontado. Assim, Ele realizou coisas pela oração que nem Ele mesmo poderia ter feito de alguma outra forma.

Aquele que é forte em autoconfiança vai continuar a depender da "força da carne" para vitória sobre o pecado. Essa pessoa tem de ser quebrada, antes que ela possa conhecer o poder de Deus para vitória. E, assim, Deus permite que ela seja repetidamente derrotada, mês após mês, até que ela vá ao "*ponto zero*" e reconheça a sua incapacidade. Então, Deus derrama sobre ela o Espírito de graça e a conduz a uma vida de vitória, e a glória de Deus começa a se manifestar através de sua vida.

É quando nos tornamos fracos que somos realmente fortes (**II Coríntios 12:10**).

Abraão produziu Ismael no poder de sua força natural, mas Deus não aceitou Ismael e falou a Abraão para mandá-lo embora (**Gênesis 17:18-21; 21:10-14**). No tribunal de Cristo, quando apresentarmos os nossos esforços bem intencionados, produzidos por nossas habilidades humanas, sem a dependência de Deus, Ele nos dirá que também são inaceitáveis. Tudo dessa madeira, feno e palha será, então, reduzido a cinzas.

Somente o que foi feito "através de Deus" irá permanecer.

Quando Abraão veio ao lugar de impotência – quando a sua capacidade natural de produzir filhos cessou – então Isaque nasceu, pelo poder divino, e esse filho foi aceitável a Deus.

Um Isaque vale mais do que mil Ismaéis, no que diz respeito a Deus. Um grama de ouro vale mais do que um quilo de madeira – depois de o fogo ter testado a ambos. Um pouco feito no poder do Espírito Santo vale muito mais do que muito feito em nossa própria força.

As nossas boas obras e os nossos próprios esforços de servir ao Senhor serão sempre trapos imundos tanto antes quanto depois da conversão. Entretanto, aquela justiça que é produzida pela fé e aquele serviço que tem sido feito na dependência do Espírito Santo irão formar a nossa veste nupcial no dia do casamento do Cordeiro (**Apocalipse 19:8**). Que diferença – ou trapos imundos ou um lindo vestido de casamento! Tudo depende se a nossa vida é vivida no poder da nossa própria alma ou no poder de Deus.

Jesus dependeu do poder do Espírito para o Seu ministério também. Ele não se atreveu a ir ao ministério de pregação sem primeiro ser ungido pelo Espírito Santo. Por trinta anos, Ele tinha vivido em perfeita santidade pelo poder do Espírito, para que o Pai pudesse testificar: “*Este é o Meu Filho amado em Quem me comprazo*” (**Mateus 3:17**). No entanto, Ele precisou ser ungido pelo Espírito para o serviço. E assim Ele orou para ser ungido, e Ele foi (**Lucas 3:21**). E porque Ele amou a justiça e odiou o pecado mais do que qualquer homem que já viveu, Ele foi ungido mais abundantemente do que qualquer homem (**Hebreus 1:9**). Como resultado, as pessoas eram libertas do cativeiro de Satanás, através do Seu ministério. Esse foi o propósito principal e a principal manifestação da unção (Veja **Lucas 4:18** e **Atos 10:38**).

A obra de Deus não é feita por talentos e habilidades humanas. Os homens que são naturalmente altamente dotados, quando convertidos, muitas vezes pensam que podem agora usar seus poderes intelectuais e emocionais para influenciar outros para Deus.

Muitos cristãos até mesmo confundem sua eloquência, lógica e clareza de expressão com o poder do Espírito Santo; mas esses são apenas os poderes da alma e serão um obstáculo para o serviço de Deus, se qualquer dependência for colocada sobre eles. Trabalho feito através do poder da alma humana não pode nunca ser eterno; irá perecer, se não no tempo, então no tribunal de Cristo.

Jesus não dependeu do poder da eloquência ou da emoção para mover as pessoas em direção a Deus. Ele sabia que qualquer trabalho feito através de tal poder da alma atingiria somente as almas de Sua audiência e nunca os ajudaria espiritualmente. Pelo mesmo motivo, Ele não usou entretenimento musical de nenhuma espécie para atrair as pessoas a Deus.

Ele não brincou com os sentimentos dos Seus ouvintes e não os induziu ao excitamento febril para fazê-los render-se a Deus. Na verdade, Ele não usou nenhum desses e outros métodos anímicos, que são tão comuns com evangelistas e pregadores hoje. Ele não usou paixão emocional ou fervor da alma para influenciar as pessoas.

Esses são os métodos dos políticos e dos vendedores, e Ele não era nenhum dos dois.

Como Servo de Jeová, Jesus dependeu inteiramente do Espírito Santo em todos os Seus trabalhos. O resultado foi que aqueles que O seguiram entraram eles mesmos em uma profunda vida em Deus.

Jesus não usou o poder da alma para manipular os outros ao Seu modo de pensar. Ele nunca Se impôs sobre os outros. Ele sempre deu aos outros a liberdade de rejeitá-Lo, se assim escolhessem. Líderes cristãos anímicos dominam o seu rebanho e seus co-trabalhadores por sua forte personalidade. As pessoas os reverenciam em sujeição a tais líderes, e os adoram, e obedecem a sua palavra.

Multidões podem afluir ao redor de tal líder, e elas podem até mesmo estar todas unidas, mas é apenas uma união de devoção ao líder. Esses líderes podem até mesmo se iludir pensando que o que eles têm é o poder do Espírito Santo, porque eles não são capazes de distinguir entre alma e espírito. Os seus seguidores são também igualmente enganados; contudo, a luz clara do tribunal vai revelar que tudo era o poder da alma do homem e que isso impediu o trabalho de Deus.

Existem também líderes políticos e não cristãos que têm tal carisma humano sobre eles, que são capazes de atrair grandes multidões pelo poder de sua personalidade e oratória etc.

Jesus não era um líder assim. Nem deve nenhum cristão ser. Devemos temer usar o nosso poder de alma, porque isso é uma violação das leis de Deus para o homem e pode ser um obstáculo para o Seu serviço.

O poder da alma pode ser capaz de produzir mudanças superficiais nos outros e trazer uma forma de piedade [santidade] neles, mas não haverá profunda devoção a Deus, nem vitória sobre o pecado em suas vidas particulares.

Um trabalho verdadeiramente espiritual nunca pode ser feito pelo poder da alma humana, mas somente pelo poder do Espírito Santo. Jesus sabia disso e, por isso, Ele constantemente colocou Seu poder de alma à morte. Assim Ele foi capaz de fazer, em um tempo muito curto, um trabalho profundo e permanente naqueles que O seguiram.

Ele nunca impôs a Sua personalidade sobre os outros, nunca dominou com tirania sobre alguém, e as pessoas nunca ficaram impressionadas com a Sua linguagem ou os Seus poderes intelectuais. Ele não buscou impressionar os homens, mas ajudá-los.

Os cristãos anímicos estão mais interessados em impressionar os outros do que em ajudá-los. Os líderes cristãos anímicos não podem edificar a verdadeira igreja, porque eles unem as pessoas para eles mesmos e não para Cristo, o Cabeça.

Aqueles que têm forte poder da alma têm de ministrar a Palavra em temor e tremor (como fez Paulo – **I Coríntios 2:1-5**), para que a fé dos seus ouvintes não repouse na sabedoria humana do orador, mas sim no poder de Deus.

Jesus manteve-se em todos os momentos consciente de Sua fraqueza humana. Ele disse: "*O Filho não pode fazer nada de Si mesmo ...*" (**João 5:19**). Daí a Sua intensa vida de oração. Por isso, o Pai foi capaz de fazer todas as Suas obras em Jesus (**João 14:10**).

É essa atitude de dependência de Deus que vai nos impedir de usar o que Deus proibiu e o que Jesus nos disse para odiar – a nossa vida de alma e os seus poderes. Então, o Espírito Santo será capaz de manifestar a glória do Senhor através de nós.

Se vivemos pela fé (na dependência do Senhor) e o nosso trabalho é um trabalho de fé, então vamos realmente construir com ouro, prata e pedras preciosas.

E, então, vamos nos fazer esta segunda pergunta:

ESTOU EU VIVENDO E TRABALHANDO PELO PODER DE DEUS?

CAPÍTULO OITO

VIVER PARA A GLÓRIA DE DEUS

"Para Ele são todas as coisas" (Romanos 11:36).

Deus é o Alfa e o Ômega, o Começo e o Fim, o Primeiro e o Último. E, como todas as coisas de natureza eterna se originam Nele, elas encontram sua consumação Nele também.

Todas as coisas foram criadas por Deus para trazer glória a Ele. Isso não é porque Deus egoisticamente deseja a nossa glória. Ele é completamente autossuficiente em Si mesmo, e não há nada que possamos oferecer-Lhe que possa adicionar algo à Sua suficiência. Quando Ele nos chama a buscar a Sua glória, é porque esse é o caminho para o nosso próprio bem maior. Do contrário, seríamos egocêntricos e miseráveis.

Ser centrado Nele é uma lei que Deus estabeleceu na criação. Essa lei pode ser violada apenas por criaturas morais, com livre arbítrio. A criação inanimada com alegria obedece ao seu Criador e O glorifica; contudo, Adão desobedeceu a essa lei, e vemos as consequências na miséria da humanidade.

Na oração que o Senhor ensinou os Seus discípulos a orar, o primeiro pedido é: *"Santificado seja o Teu Nome"*. Esse era o principal anseio no coração do Senhor Jesus. Ele orou: *"Pai, glorifica o Teu Nome"*; e escolheu o caminho da Cruz, uma vez que foi para a glória do Pai (**João 12:27,28**). Uma paixão suprema governou a vida do Senhor Jesus – a glória do Pai.

Tudo o que Ele fez foi para a glória do Pai. Não havia compartimentos sagrados e seculares separados na Sua vida. Tudo era sagrado. Ele fez banquetas e bancos para a glória de Deus tanto quanto Ele pregou e curou os doentes para a glória de Deus. Cada dia era igualmente sagrado para Ele; e o dinheiro gasto com as necessidades diárias da vida era tão sagrado quanto o dinheiro dado para a obra de Deus ou para os pobres.

Jesus viveu em perfeito descanso do coração em todos os momentos, porque Ele procurou apenas a glória do Pai e se importou apenas com a aprovação do Seu Pai. Ele viveu diante da face de Seu Pai e não se importou com a honra ou o louvor dos homens.

"Quem fala de si mesmo busca a sua própria glória", disse Jesus (João 7:18).

Por mais que o cristão anímico possa aparentar ou fingir estar procurando a glória de Deus, na verdade, bem no fundo, ele está interessado em sua própria honra. Jesus, por outro lado, nunca procurou honra para Si.

Aquilo que se origina na inteligência do homem e é realizado pelo engenho e talentos humanos terminará sempre em glorificação do homem. Aquilo que começa na alma só vai glorificar a criatura.

Contudo, não haverá nada no céu ou na terra nos séculos de eternidade que trará honra ou glória a algum homem.

Tudo o que sobrevive ao tempo e entra nos portais da eternidade será o que veio de Deus, através de Deus e para Deus.

É o motivo por trás de uma ação que dá valor e mérito a essa ação, no que diz respeito a Deus.

O que fazemos é importante, mas o motivo por que o fazemos é muito mais importante.

Vimos que Jesus esperou por Seu Pai para receber o Seu plano e também esperou no Pai pelo poder de realizar esse plano, de modo que Ele fez toda a vontade do Seu Pai no poder de Deus; mas isso não foi tudo. Como vimos no último capítulo, Jesus saía para orar depois de algumas de Suas maiores realizações – para dar a glória a Seu Pai. Ele ofereceu o fruto do Seu trabalho como uma oferta sacrificial ao Seu Pai. Ele não buscou honra para Si mesmo, nem a recebeu quando Lhe foi dada (**João 5:41; 8:50**). Quando a Sua fama se espalhou por toda parte, Ele se retirou para as montanhas para glorificar a Seu Pai (**Lucas 5:15,16**). Ele estava determinado em Si mesmo a nunca tocar essa glória.

O resultado dessa atitude mantida consistentemente foi que, no final da vida de Jesus na terra, Ele pôde honestamente dizer:

“Pai, eu Te glorifiquei na terra” (João 17:4).

Ele veio à terra para glorificar o Pai, como homem. Ele viveu cada dia tendo isso como Seu objetivo. Ele orou fervorosamente para que somente o Pai fosse glorificado, qualquer que fosse o custo para Ele. E Ele, finalmente, morreu para que o Pai fosse honrado, exaltado e glorificado na terra como Ele era no céu.

Paulo diz que, no dia do teste através do fogo (**I Coríntios 3:13**), todos saberão *“COM QUE INTENTO temos feito a obra do Senhor” (I Coríntios 4:5 – Bíblia Viva)*. Os motivos serão expostos e examinados pelo Senhor naquele dia.

O trabalho anímico exalta o ego e atrai as pessoas para nós mesmos, em vez de atrair para Deus. As multidões vêm para nos ouvir, ficam impressionadas, voltam para nos ouvir de novo, nos honram e falam bem de nós. Quando deixamos o lugar, elas voltam à sua antiga condição espiritual, sem haver melhora em decorrência de toda a pregação que ouviram. O verdadeiro teste do trabalho de um homem é a condição das pessoas para quem ele ministrou, depois de ele mesmo estar morto e ir embora. Então, se tornará evidente se o seu serviço foi anímico ou espiritual.

Todo o trabalho que atrai os outros para nós mesmos será provado ser de madeira, feno e palha, no dia final, porque apenas glorificou o homem.

O ministério de Jesus era espiritual. A prova disso é vista no fato de que Ele deixou para trás um número (ainda que pequeno) que também se tornou espiritual, e não anímico. Para manifestar a Sua glória, devemos seguir as Suas pegadas aqui.

O trabalho e o modo de viver anímicos estão preparando o caminho para a chegada e a aceitação mundial do anticristo – o homem totalmente anímico. Ele se exaltará acima dos outros e atrairá multidões para si, até mesmo usando poderes miraculosos (**II Tessalonicenses 2:3-10**).

Chamar a atenção das pessoas para nós mesmos e para o nosso trabalho é, portanto, a essência do espírito do anticristo. Ter poder sobre a consciência dos homens, de modo que lhes dizemos o que fazer e aonde ir, é anímico. Dar conselho aos outros é algo espiritual, mas exercer controle sobre eles é anímico.

Jesus nunca obrigou nenhum de Seus seguidores a fazer alguma coisa. Ele respeitou a liberdade de escolha que Deus conferiu ao homem.

E assim Ele foi o servo de todos os homens e lhes ministrou, ao invés de ficar dando-lhes ordens.

É muito fácil pregar com o espírito de um governante e de um senhor, e não com o espírito de um servo (**II Coríntios 4:5**). Podemos usar o nosso poder da alma para impor os nossos pontos de vista aos outros. Isso resulta em pessoas sendo levadas em sujeição a nós.

Uma pessoa que é zelosa e ignorante de seu próprio forte poder da alma nem mesmo perceberá que ela está ganhando pessoas para si, e não para Cristo. A obra de Deus não é feita pelo poder humano ou força, mas pelo Espírito Santo. É uma marca da obra do Espírito é

liberdade (**II Coríntios 3:17**) – perfeita liberdade dada a cada indivíduo.

Considere como um servo se conduz em uma casa. Ele serve quietamente e, tendo feito o que precisa ser feito, retira-se para a cozinha. Ele não entra com pompa e *show*, nem diz aos outros na mesa o que eles devem fazer. Quantos estão dispostos a servir ao Senhor desse modo?

Como alguém já disse:

*“Existe apenas uma única coisa sobre a qual o servo tem o direito de governar, e essa única coisa é a sua própria carne. Na mesma extensão que ele governa sobre a sua própria carne, ele pode conduzir os outros em direção à vida espiritual. Um servo espiritual serve somente pelo poder que lhe é dado por Deus, e esse poder lhe é dado apenas para ministrar às necessidades dos outros. Se, entretanto, usamos esse poder para dominar sobre uma pessoa e forçá-la de algum modo, ela pode ficar desanimada e finalmente ir pelo seu próprio caminho. A tarefa de um servo é trabalhar de tal maneira que as almas alcancem não uma conexão com ele, mas sim uma conexão viva com Deus, que opera tudo (**I Coríntios 12:6**)”.*

Jesus buscou tanto a glória de Deus, que Ele mesmo estava bem preparado para abrir e preparar o caminho para os Seus apóstolos fazerem alguma coisa maior do que Ele fez, depois Dele (**João 14:12**). Esse trabalho maior, sem dúvida, foi edificar a igreja, com os membros nela se tornando um, como o Pai e o Filho são um (**João 17:21-23**). Durante a vida de Jesus na terra, nem mesmo dois de Seus discípulos tinham se tornado um; como o Pai e o Filho são um. Eles todos buscavam o seu próprio interesse; contudo, depois do dia de Pentecostes, muitos de Seus discípulos tornaram-se um, como Ele desejou. Esse foi o trabalho maior.

Jesus preparou o caminho para outros fazerem uma obra maior. Ele morreu e lançou a fundação, e os Seus discípulos construíram nela.

Não havia nenhum interesse próprio em Jesus. Não importava para Ele se outra pessoa recebesse o crédito pelo que Ele fez, desde que o Pai fosse glorificado.

É esse espírito que tem de nos animar, se quisermos ministrar vida à igreja, o Corpo de Cristo, hoje, e se quisermos edificá-la, até a plenitude da estatura de Cristo.

Jesus viveu tão completa e totalmente diante somente da face do Pai, que Ele não se importou de ser inocentado perante aqueles que O crucificaram, depois que Ele ressuscitou dos mortos.

Aos olhos do mundo e dos líderes judeus, o ministério de Jesus foi um fracasso total. Se Jesus tivesse sido anímico, Ele teria desejado voltar e Se apresentar diante daqueles líderes depois de Sua ressurreição, para deixá-los confundidos e perplexos, e mostrar Sua inocência. Contudo, Ele não fez isso. Ele Se apresentou, após a ressurreição, somente para aqueles que creram Nele.

O tempo do Pai para mostrar a justiça e a retidão de Jesus ainda não tinha chegado – e Jesus estava preparado para esperar. Esse tempo ainda não chegou.

Jesus é ainda mal compreendido no mundo, e a maioria das pessoas considera que a Sua vida foi um fracasso. Ele começou a vida (como homem) na ignomínia [vergonha] de uma manjedoura, e terminou a Sua vida na terra na humilhante morte de cruz, com dois criminosos da pior ordem. E essa foi a última coisa que este mundo viu Dele.

Jesus estava preparado para parecer um fracasso diante dos homens, desde que o Pai fosse glorificado. Ele não viveu ou serviu para ser admirado pelos homens, e, portanto, um dia o Pai irá mostrar a Sua justiça e retidão publicamente com grande glória e honra; e, naquele dia, todo o joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus Cristo é Senhor – mas mesmo isso será para a glória de Deus Pai (**Filipenses 2:11**).

E, assim, a terceira pergunta que devemos nos fazer é:

ESTOU EU VIVENDO E TRABALHANDO SOMENTE PARA A
GLÓRIA DE DEUS?

CAPÍTULO NOVE

A NOIVA DE CRISTO

Nas páginas finais das Escrituras, encontramos o resultado do trabalho do Espírito Santo – a Noiva de Cristo. Também vemos lá o resultado do trabalho enganador/falsificador de Satanás – a igreja Prostituta.

João disse:

“Eu vi a CIDADE SANTA, A NOVA JERUSALÉM, linda como uma NOIVA, descendo da parte de Deus. Estava CHEIA DA GLÓRIA DE DEUS e cintilava como uma pedra preciosa, de cristal puro como o jasper” (Apocalipse 21: 2, 10, 11 – Bíblia Viva).

Antes de ver essa visão da Noiva de Cristo, João teve uma visão da Prostituta – a adúltera espiritual, que alegava amar a Deus, mas, na verdade, amava este mundo (**Tiago 4:4**). Esse é o cristianismo espúrio, tendo uma forma de piedade [santidade] (exatidão de doutrina), mas nenhum poder (sem vida divina) (**II Timóteo 3:5**).

João diz: *“Eu vi uma mulher, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUTAS, e uma voz dizendo: ‘A grande Babilônia caiu. Veja A FUMAÇA DO SEU INCÊNDIO. A sua fumaça sobe para todo o sempre” (Apocalipse 17:3,5; 18:2,9; 19:3).*

O contraste é gritante. Enquanto a Noiva vem através do julgamento de fogo, *“cintilando como uma pedra preciosa”*, a Prostituta é reduzida completamente a cinzas, sua fumaça sobe aos céus, porque ela era feita de coisas perecíveis.

Jerusalém, a Noiva, e Babilônia, a Prostituta, são dois sistemas – um de Deus, e o outro *“terreno, anímico [animal, não espiritual] e demoníaco” (Tiago 3:15).*

Vamos analisar Babilônia primeiro.

A Babilônia se originou com a torre de Babel, que foi construída de acordo com o plano do homem, na força do homem e para a glória do homem.

“Eles disseram uns para os outros (DESDE O HOMEM): ‘Vamos construir para nós uma cidade (ATRAVÉS DO HOMEM) e fazer para nós um nome (PARA O HOMEM)” (Gênesis 11:3,4).

Anos mais tarde, o Rei Nabucodonosor, tendo construído a grande cidade da Babilônia, a capital de seu grande império mundial, olhou um dia sobre a cidade e falou na mesma linha:

"Não é esta a grande Babilônia, que eu mesmo edifiquei (DESDE O HOMEM) ... pela força do meu poder (ATRAVÉS DO HOMEM) ... para a glória da minha majestade (PARA O HOMEM)" (Daniel 4:30).

A torre de Babel terminou em julgamento. A jactância de Nabucodonosor também trouxe sobre ele o julgamento imediato de Deus (**Daniel 4:31-33**). O destino final de tudo o que foi produzido pela sabedoria humana e pelo poder humano, para a glória do homem, também será o julgamento de Deus. Aquilo que é feito pelo poder da alma humana irá perecer, ainda que seja chamado de *"trabalho cristão"*.

"Os largos muros de Babilônia serão derrubados ao chão; e os seus portões altos serão queimados; OS CONSTRUTORES ('trabalhadores cristãos?'), VINDOS DE MUITAS TERRAS, TRABALHARAM EM VÃO – O SEU TRABALHO SERÁ DESTRUÍDO PELO FOGO" (Jeremias 51:58 – Bíblia Viva).

Jerusalém, por outro lado, é a Cidade de Deus (**Hebreus 12:22**). No Velho Testamento, esse era local onde estava o Templo de Deus. Jerusalém, a morada de Deus, teve a sua origem no Tabernáculo, construído por Moisés (**Êxodo 25:8**).

O Tabernáculo foi construído exatamente de acordo com o plano de Deus:

"... de acordo com tudo o que o Senhor ordenou" (Êxodo 40:16) (A PARTIR DE DEUS).

Foi construído pelos homens revestidos com o poder de Deus:

"Bezalel ... Eu o enchi com o Espírito de Deus ... " (Êxodo 31:1-5) (ATRAVÉS DE DEUS).

Foi construído para a glória de Deus:

"A glória do Senhor encheu o tabernáculo" (Êxodo 40:34) (PARA DEUS).

Aquilo que se origina em Deus, e é feito através do poder Divino, e somente para a glória de Deus, irá permanecer para sempre; passará pelo fogo e saíra brilhando como uma pedra preciosa, porque foi construído com ouro, prata e pedras preciosas.

Ao compararmos as páginas de abertura das Escrituras com as suas páginas de fechamento, descobrimos que as duas árvores (a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal) produziram dois sistemas, ao final dos tempos – Jerusalém e Babilônia.

Aquilo que é verdadeiramente nascido do Espírito – a partir de Deus, através de Deus e para Deus – permanece para sempre; enquanto aquilo que foi nascido da carne – a partir do homem, através do homem e para o homem – perece.

Hoje, estamos vivendo entre as páginas de Gênesis e Apocalipse. E, quer percebamos ou não, estamos sendo envolvidos em um desses dois sistemas – um determinado a exaltar e glorificar a Deus, e o outro a glorificar e exaltar o homem; um seguindo Cristo e o outro seguindo Adão; um vivendo no Espírito e o outro vivendo na carne e na alma.

Tanto Jesus quanto Adão ouviram a voz de Deus – a diferença estava somente no fato de que um obedeceu e o outro desobedeceu. Assim também, Jesus disse, seria com aqueles que ouvem a Sua voz – um obedece e constrói sobre a rocha, inabalável por toda a eternidade; enquanto o outro ouve, mas não obedece e, portanto, constrói sobre a areia, finalmente para perecer (**Mateus 7:24-27**).

Essas duas casas das quais Jesus falou são Jerusalém e Babilônia.

Existem aqueles hoje que são verdadeiramente justificados pela fé e entram na nova aliança, selados pelo sangue de Jesus, e seguem a Jesus em uma vida de obediência à vontade de Deus (particularmente conforme descrito em **Mateus 5 a 7**), que construíram sobre a rocha e têm uma parte em Jerusalém. Basta ler **Mateus 5 a 7** para descobrir se você pertence a esse grupo ou não.

Igualmente existem outros (e estes são, de longe, a maioria) que ouvem as palavras de Jesus em **Mateus 5 a 7**, mas tendo uma falsa compreensão da justificação, da fé e da graça, vivem uma falsa segurança, não se importando em obedecer às palavras de Jesus, e, assim, constroem sobre a areia – Babilônia –, finalmente perecendo para sempre.

Estes são “cristãos” aos seus próprios olhos, pois Jesus disse que o homem que construiu sobre a areia foi um que ouviu a Sua voz e, portanto, obviamente, não um ímpio, mas um que lê a Bíblia e vai à “igreja”. Seu único problema foi que ele não obedeceu e, portanto, não pôde participar da salvação eterna prometida a todos aqueles que obedecem a Jesus (**Hebreus 5:9**). A sua fé não era genuína, pois não tinha obras de obediência para aperfeiçoá-la (**Tiago 2:22,26**).

Aqueles sob a "liderança" de Adão seguem o seu "cabeça" em desobediência à vontade revelada de Deus, mas são persuadidos por Satanás de que eles "não irão morrer" (**Gênesis 3:4**), porque eles alegam ter "aceitado Cristo". Assim, eles vivem em uma falsa segurança na Babilônia.

Igualmente, aqueles sob a liderança de Cristo são identificados pelo fato de que eles "andam como Jesus andou" (**I João 2:6**) em obediência à vontade de Deus. Esses são os irmãos e as irmãs de Cristo (**Mateus 12:50**) e são parte de Jerusalém.

A coisa interessante sobre a parábola que Jesus falou no final de **Mateus 5 a 7** é que tanto a casa do homem sábio quanto a casa do homem insensato permaneceu por algum tempo, como Babilônia e Jerusalém permanecem hoje - até que vieram as chuvas e a enchente. Enquanto o homem insensato estava somente preocupado com a aparência externa da casa (o testemunho diante dos homens), o homem sábio estava mais preocupado com a fundação (a vida escondida no coração, diante da face de Deus), principalmente.

Contudo, quando as enchentes e as chuvas vieram (o juízo de Deus), foi a fundação que foi testada em primeiro lugar.

"Pois chegou a hora de começar o julgamento pela casa [família] de Deus; e, se começa conosco, qual será o destino daqueles que desobedecem às boas novas de Deus? E, se o justo é salvo com dificuldade, que chance tem o ímpio e o pecador?" (**I Pedro 4:17, 18** - Tradução da Berkeley).

*"Nem todo aquele que Me diz: 'Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus. Muitos irão Me dizer naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu Nome, e em Teu Nome não realizamos muitos milagres?' E, então, Eu lhes declararei: 'Eu nunca vos conheci (pois "ninguém que peca O conhece" - **I João 3:6**). Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade (desobedecer a Deus)'"* (**Mateus 7:21-23**).

Perceba aqui que haverá muitos que são cristãos em suas mentes (chamando Jesus de "Senhor") e em suas emoções (chamando Jesus de "Senhor, Senhor!"), que, no entanto, não abrem mão de suas vontades para fazer a vontade de Deus em sua vida. O Senhor os rejeita dizendo que não os conhece.

A característica distintiva de Jerusalém é a santidade. É chamada "a Cidade SANTA" (**Apocalipse 21:2**). Babilônia, entretanto, destaca-se por sua grandeza. É chamada de "a GRANDE cidade" (**Apocalipse 18:10**). É chamada de "grande", onze vezes em Apocalipse.

Aqueles que vivem em verdadeira santidade, em obediência a Deus e são participantes da natureza de Cristo pela graça mediante a fé, formam juntamente Jerusalém; enquanto aqueles que estão à procura de grandeza aqui na terra (o testemunho e a honra dos homens) formam Babilônia.

Por mil e novecentos anos, o apelo tem vindo ao povo de Deus:

"Sai dela (Babilônia) POVO MEU; não tomem parte nos seus pecados, senão vocês serão castigados juntamente ela"
(Apocalipse 18:4 – Bíblia Viva).

O apelo é até mais urgente hoje, à medida que nos aproximamos do fim dos tempos. É realmente lamentável que até mesmo o povo de Deus pode estar misturado com Babilônia e, assim, tomar parte na sua punição – se eles não levarem a sério este apelo de Deus, que é tão claro. Ter se agarrado a uma doutrina evangélica, ou ter feito *"uma decisão por Cristo"*, não ajudará ninguém naquele dia, se eles não viveram uma vida que corresponde à verdadeira doutrina, e produziram obras de obediência, que são as marcas identificadores de uma fé genuína.

Quão intenso o desejo de Deus, quando Ele fez o homem à Sua própria imagem, de que o homem fosse participante da natureza divina e manifestasse a Sua glória!

E quando o homem caiu, que grande preço Deus estava disposto a pagar, *"enviando o Seu próprio Filho em semelhança de carne do pecado, e como uma oferta pelo pecado, condenando o pecado na carne"* (**Romanos 8:3**), para que um Caminho pudesse ser aberto pelo qual o homem pudesse ser restaurado e trazido de volta ao lugar onde ele pudesse novamente cumprir o propósito divino.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo estão juntos envolvidos neste trabalho de redimir o homem e transformá-lo. E, embora muitos homens e mulheres em sua insensatez não irão responder a Deus, o propósito divino será cumprido num remanescente (os poucos que encontram o caminho estreito para a vida), que se submete a Deus, como Jesus fez, e através dos quais a glória de Deus será manifestada, não somente aqui neste tempo, mas também nos séculos da eternidade, quando Deus irá demonstrar por meio deles as supremas riquezas da Sua graça das quais eles foram feitos participantes por meio de Cristo Jesus.

A Ele seja toda a glória, agora e para sempre.

Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça.

CAPÍTULO DEZ

SOBRE O LIVRO

Deus não criou o homem porque Ele precisava de um servo. Ele criou o homem, porque *queria alguém que manifestasse o Seu caráter e a Sua natureza.*

Se nos esquecermos dessa verdade, é fácil se desviar imaginando que o *serviço* para Deus é o propósito principal da nossa salvação em Cristo. Esse é um erro que muitos crentes têm cometido.

Nosso Pai no *céu* e o Espírito Santo em nosso *coração* estão ambos trabalhando em direção a um único alvo – *que nos tornemos como Jesus*. Quanto mais nos tornamos como o nosso Senhor em caráter, mais vamos viver na terra como Ele viveu.

Isso e apenas isso é uma vida cheia do Espírito.

Ao compararmos as páginas de abertura das Escrituras com as suas páginas de fechamento, descobrimos que as *duas árvores* (a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal) produziram *dois sistemas*, ao final dos tempos – *Jerusalém e Babilônia*. Um está determinado a glorificar a Deus. O outro a exaltar o homem. Um segue a Cristo. O outro segue Adão. Um vive no Espírito, o outro na carne. Todos nós estamos envolvidos em um desses dois sistemas hoje.

Peça a Deus que abra os seus olhos ao ler este livro ...